



Senado Federal  
Senador Inácio Arruda



Sessão Especial do Senado em homenagem  
aos 85 anos do Partido Comunista do Brasil



SENADO FEDERAL

Senador **INÁCIO ARRUDA**

# **85 ANOS DO PCdoB**

BRASÍLIA – 2007

## **EXPEDIENTE:**

### **Uma publicação do Gabinete do Senador Inácio Arruda – PCdoB - CE**

Senado Federal, Anexo II, Ala Filinto Müller, gabinete 7

Telefone: (61) 3311-5791

Fax: (61) 3311-5798

e-mail: [inacioarruda@senador.gov.br](mailto:inacioarruda@senador.gov.br)

CEP 70165-900

### **Escritório em Fortaleza:**

Avenida da Universidade, 3199, Benfica

Telefone: (85) 3281-0841

e-mail: [falecom@inacio.com.br](mailto:falecom@inacio.com.br)

Home page: [www.inacio.com.br](http://www.inacio.com.br)

## SUMÁRIO

	<i>Pág.</i>
• Apresentação .....	5
• Mensagem do Presidente da República ao ato de comemoração dos 85 anos do PCdoB.....	7
• Pronunciamento do Presidente do PCdoB, Renato Rabelo, na abertura do ato comemorativo dos 85 anos de fundação do Partido	9
• Íntegra dos discursos da sessão especial destinada a homenagear os 85 anos do PCdoB .....	15

### **Oradores:**

Senador Inácio Arruda  
Senador Antônio Carlos Valadares  
Senador Arthur Virgílio  
Senador Tião Viana  
Senador Leomar Quintanilha  
Senadora Patrícia Saboya Gomes  
Senador Sérgio Zambiasi  
Senador Aloizio Mercadante  
Senadora Serys Slhessarenko  
Senador Renato Casagrande  
Senador Eduardo Suplicy  
Senador Sibá Machado  
Senador Cristovam Buarque  
Senador Mão Santa  
Senador José Nery  
Senador Tasso Jereissati  
Senador Marconi Perillo  
Senador Marcelo Crivella

Senador Renan Calheiros  
Senador Paulo Paim  
Senador Valter Pereira

O mês de março de 2007 se revestiu de um significado muito especial: foi quando o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), comemorou 85 anos de existência. Uma vida marcada pela defesa da soberania e do progresso do País, sempre lutando pela Pátria, pela democracia e em defesa do socialismo.

Em uma iniciativa inédita, o Senado realizou uma sessão solene no Plenário da Casa para homenagear o aniversário do partido. Nessa ocasião, vários parlamentares, das mais diversas correntes políticas, prestaram sua homenagem ao mais antigo partido político em atividade no Brasil, emocionando a todos ali presentes.

Na mesma tarde, realizamos, também no Senado, um ato político com a presença do Vice-Presidente da República, do Presidente da Câmara dos Deputados, de ministros de Estado, autoridades diplomáticas e parlamentares, além da militância, amigos, simpatizantes, e de vários dirigentes partidários, representando partidos das mais diversas correntes ideológicas, para marcar essa data tão simbólica da História Política brasileira.

Nesta publicação, reunimos os pronunciamentos desta tarde que marcou os 85 anos de luta do Partido Comunista do Brasil. Só o fato de atingir tal longevidade é um feito importantíssimo em um país de partidos, na sua maioria, frágeis e conjunturais.

Participe você também do nosso mandato, enviando sugestões, críticas e comentários.

Um grande e caloroso abraço,

*Senador Inácio Arruda*

## **Mensagem do Presidente da República ao ato de Comemoração dos 85 anos do PCdoB**

---

*Brasília, 28 de março de 2007*

Senhoras e senhores, impossibilitado de comparecer a esta solenidade, envio efusivos cumprimentos à direção, aos parlamentares e militantes do histórico e valoroso Partido Comunista do Brasil pelo transcurso dos 85 anos de sua fundação.

O PCdoB é patrimônio da Nação brasileira: o mais antigo partido político em atividade, participou, desde os primórdios do século XX, dos grandes acontecimentos da História nacional e desde então vem lutando bravamente pelas liberdades democráticas alvo da repressão e do reacionarismo das forças conservadoras, que sempre procuram obstar as transformações da sociedade brasileira, o partido constituiu vigoroso baluarte de resistência contra a opressão e a tirania. A trincheira onde travou memoráveis lutas conheceu o sangue e o suor derramados por seus idealistas e valentes militantes.

A agremiação, ora homenageada, participou também de forma ativa do processo de redemocratização do País e hoje contribui para o fortalecimento de nossa incipiente democracia sem perder de vista os ideais socialistas.

O PCdoB integra nosso Governo desde o início e com ele contamos para concretizar todos os nossos projetos, que visam a acelerar o crescimento econômico, elevar o máximo possível a justa distribuição da renda e tornar o Brasil um país mais fraterno, solidário e próspero para todos os cidadãos.

Parabéns, mais uma vez! Vida longa e produtiva ao Partido Comunista do Brasil!

Recebam todos os presentes meu fraternal abraço.

*Luiz Inácio Lula da Silva*

## **Pronunciamento do presidente do PCdoB, Renato Rabelo, na abertura do ato comemorativo dos 85 anos de fundação do partido**

---

### Gloriosa trajetória do Partido Comunista do Brasil

Vinte e cinco de março de 1922: já se passaram 85 anos desde a fundação do Partido Comunista do Brasil. Num olhar objetivo em direção a essa longa trajetória não há como desconhecer o papel e a influência vinculados na vida política nacional pelo Partido Comunista do Brasil. O Partido nasce num período marcado por grandes mobilizações democráticas e pelo renascimento cultural no Brasil – dos quais expressões maiores são as revoltas tenentistas e a Semana de Arte Moderna de 1922.

Temos afirmado que o PCdoB nasceu e existe como necessidade objetiva das lutas sociais em nosso País. Em seu largo caminho, ele firmou forte expressão patriótica e democrática adquirida e moldada na luta política do nosso povo.

A fundação do PCdoB também tem relação com uma época de profundo revolvimento político de transformações revolucionárias, que marcaram profundamente o período das revoluções socialistas e das lutas por libertação nacional e social, cujo acontecimento mais saliente foi a Revolução Socialista de outubro de 1917 na Rússia, que neste ano comemora seus 90 anos. Produto da realidade dessa época e expressando as aspirações fundamentais das classes trabalhadoras o PCdoB assumiu como programa máximo a conquista do poder político para construção do socialismo no Brasil.

Portanto, por sua origem e trajetória o Partido Comunista do Brasil – no leito do curso histórico brasileiro, com seus impasses estruturais e agravamentos sociais – encarnou na sua estratégia e tática a luta inseparável pela defesa da soberania e independência nacional, a luta pela profunda democratização do País, a luta pela solução dos graves problemas sociais e a



luta pelo seu objetivo maior – o socialismo. Pode-se afirmar como síntese ideológica e política do PCdoB: o Partido da soberania, da democracia, da justiça social e do socialismo.

Esta é a identidade e a fisionomia do PCdoB como corrente comunista que vem desde a fundação em 1922. A fim de manter seus ideais, sua identidade política e ideológica nessa longa trajetória de sua existência, o PCdoB teve de ser reorganizado três vezes em períodos decisivos de sua história. Em 1941, quando praticamente toda a direção nacional do Partido havia sido presa pela ditadura do Estado Novo, dirigentes intermediários assumiram os postos de direção nacional vacantes e realizaram em 1943 a clandestina Conferência Nacional da Mantiqueira com o objetivo de reconstruir a direção nacional. No período de 1956 a 1962 teve curso a luta ideológica mais importante no seio do movimento comunista internacional e brasileiro, contrapondo-se duas posições antagônicas entre manter os ideais e princípios do Partido, constituídos desde a fundação de 1922, ou revisá-los. O desfecho se dá em 18 de fevereiro de 1962, quando um grupo dirigente liderado por João Amazonas, Maurício Grabois, Pedro Pomar entre outros reorganizou o Partido para manter seus ideais, seu nome e sua identidade. O Partido reorganizado, desde então, conseguiu crescer e incorporar outras forças políticas revolucionárias, como – no caso mais exitoso – a Ação Popular, organização política com influência entre trabalhadores e estudantes, que se integrou em 1972, ao afirmar a mesma ideologia e política do Partido Comunista. Por fim, o PCdoB foi reorganizado em 1979 na 7ª Conferência Nacional, no final da ditadura militar. Reestruturou sua direção que tinha perdido uma dezena de dirigentes nacionais, mortos pelo regime ditatorial, e seu núcleo dirigente nacional teve de viver um período no exterior.

No transcurso de aproximadamente 60 anos, o PCdoB foi forçado a existir em condições de clandestinidade, ilegalidade e semilegalidade impostas pelos regimes dominantes. E os comunistas tiveram de viver diante da iminência constante de prisão, tortura, exílio, morte. Resultante dessa situação histórica em que só havia frestas de liberdade um grande número de homens e mulheres, integrantes do Partido, deu sua vida em defesa dos ideais comunistas. No ensejo deste aniversário, renovamos nossa justa homenagem em memória de todos eles.

Mesmo nessas condições tão adversas, o Partido Comunista do Brasil conseguiu ser protagonista da luta pelos direitos sociais. Foi o primeiro a defender em 1927 a formação de uma frente política eleitoral das forças de esquerda, a promover a defesa da unidade sindical e de uma central sindical única em 1929. Desde 1941, em plena ditadura do Estado Novo, defendeu

a entrada do Brasil na II Guerra Mundial ao lado das forças aliadas e da formação da Força Expedicionária Brasileira para combater o nazi-fascismo na Europa. No curto período da legalidade no final da II Guerra, alcançou 10% dos votos na eleição presidencial, elegeu 14 deputados federais e um senador.

Na Constituinte de 1946 os comunistas defenderam a ampliação da democracia, dos direitos sociais dos trabalhadores, da soberania nacional, da autonomia sindical e o direito de greve. Foi apresentada pelo Deputado comunista Jorge Amado a emenda que garantiu a ampla liberdade religiosa no País, inclusive para os cultos afro-brasileiros que eram perseguidos pela polícia. O Partido também defendeu o voto para analfabetos e para marinheiros, soldados, cabos e sargentos. Na década de 50, mesmo na ilegalidade, o Partido teve atuação relevante nas principais lutas patrióticas, democráticas e sociais, destacando-se a atuação comunista na campanha O Petróleo é Nosso; a defesa da economia nacional; a luta contra a proliferação das armas atômicas, contra o acordo militar Brasil-Estados Unidos.

O Partido foi uma força política protagonista contra a ditadura militar de 1964, participando em todas as frentes de atuação, desde a luta política expressa no “Manifesto aos brasileiros”, que pregava as três bandeiras assumidas pelo movimento antiditatorial – anistia ampla, geral e irrestrita; revogação de todos os atos e leis de exceção; e convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, livre e soberana –, até a condução da resistência armada do Araguaia de 1972 a 1975. Em 1984 participou ativamente da luta pelas Diretas Já. Em seguida, por não ser possível a vitória das eleições diretas pelo Congresso, compreendeu haver possibilidades de derrotar o regime militar no Colégio Eleitoral, empenhando-se na construção da candidatura e da campanha do candidato único das oposições, Tancredo Neves. João Amazonas teve importante papel neste episódio.

Já no processo de redemocratização do País, o Partido com apenas cinco deputados e participação direta de João Amazonas, contribuiu de maneira decisiva na Constituinte de 1986–89. Nesse novo ambiente de liberdade o PCdoB conquista sua legalidade em 1985. Em 1989, foi um dos organizadores da Frente Brasil Popular que conduziu Lula ao 2º turno das eleições presidenciais. Daí por diante o Partido apoiou e participou ativamente das campanhas presidenciais de Lula de 1994 e 1998, até as vitórias de 2002 e 2006. No Governo Lula, pela primeira vez em toda sua história, o PCdoB participa do Governo da República. E chega a alcançar por meio de um de seus principais quadros, o Deputado Aldo Rebelo, a presidência da Câmara dos Deputados, em momento de aguda crise política.

Na celebração de seus 85 anos, é justo o nosso orgulho da gloriosa trajetória do Partido Comunista do Brasil. Hoje, procuramos aprender com os ensinamentos da construção do socialismo do século passado, com seus êxitos, derrotas, erros e falência das primeiras experiências de construção de uma sociedade socialista. E procuramos aprender com a experiência política de acertos e erros no enfrentamento dos impasses estruturais e da encruzilhada histórica vivida pelo Brasil.

O PCdoB coerente com seus ideais e sua história tem procurado ao mesmo tempo extrair lições do passado modernizando-se, renovando-se constantemente, sem perder seu norte, tornando-se capaz de responder e contribuir para encontrar saídas avançadas para os desafios de nossa época.

Assim, o PCdoB não se iludiu, mantendo seus ideais e sua identidade mesmo diante da falência das primeiras experiências de construção do socialismo. Este fato histórico havia servido para a proclamação dos ideólogos do capitalismo eterno de que o socialismo e o partido comunista tinham chegado ao fim. A história das civilizações demonstra que para uma nova formação econômica e social suplantar a antiga custa um largo período de tempo, definido em séculos. Historicamente, a experiência da construção do socialismo se encontra ainda em seus primórdios.

O PCdoB tem hoje maior consciência de que a luta para tornar realidade o ideal da construção da sociedade socialista é prolongada, passa por transições e variadas etapas e tem de considerar concretamente a peculiaridade de cada país. Não existe modelo único de socialismo. Essa luta prolongada nas condições atuais nos exige capacidade para realizar alianças políticas amplas, com vasto apoio popular, levando o povo a percorrer sua própria experiência e distinguir a singularidade de cada situação dada.

A vitória de Lula na eleição presidencial de 2002 abriu um novo ciclo político no País, pôde-se alcançar importante experiência democrática no Brasil com seus avanços e limites. O PCdoB procurou definir o seu papel nessa nova situação: contribuir para o Governo Lula ter êxito na construção e execução de um projeto nacional de desenvolvimento voltado para a defesa da soberania nacional, a ampliação da democracia, o progresso social com valorização do trabalho e distribuição de renda e a integração do continente com base na soberania de cada país. Para o êxito deste projeto, na situação atual, afirmamos ser preciso uma ampla frente política, além da esquerda, para a vitória eleitoral, mas, sobretudo para governar o País. Nas condições atuais do Brasil nenhum partido político sozinho, por maior que seja, ou somente a esquerda, seria capaz de governar o País (ademais,

não existe no Brasil partido que alcance até mesmo 20% dos votos para a Câmara Federal).

Por isso, a coalizão de onze partidos, organizada em um Conselho Político de Governo no segundo mandato de Lula, unida com base em um programa centrado no desenvolvimento com distribuição de renda e ampliação da democracia, pode ser um caminho justo. E por se tratar de uma coalizão política ampla, heterogênea, mais ainda requer o empenho conjunto para que haja nítida definição programática e regras claras de convivência interpartidária, cumprimento recíproco dos acordos estabelecidos, não interferência nos assuntos internos de cada partido. Assim, o PCdoB tem se esforçado para atuar e moldar a sua conduta. E também, conforme a opinião do Partido, a formação de blocos parlamentares é viável entre agremiações que compõem a coalizão de governo, desde que haja afinidade política e compromissos comuns. Este tipo de formação pode permitir melhor organização na interlocução com o Governo.

Hoje, impõe-se a consecução de uma reforma política que amplie a democracia, aprimore o sistema de representação, fortaleça os partidos, leve em conta o pluralismo partidário existente e o direito das minorias. Isto para avançar na experiência democrática alcançada, visando a uma liberdade política mais ampla. Do nosso ponto de vista, queremos desde já acentuar que o histórico julgamento do STF, em 7 de dezembro do ano passado – considerando por unanimidade como antidemocrática e inconstitucional a cláusula de barreira – firmou importante jurisprudência, condensada em profundos argumentos políticos e jurídicos que podem servir na hora presente para a definição e elaboração de uma reforma política democrática. Em contrapartida, a tentativa de constitucionalização da cláusula de barreira, a nosso juízo, é uma afronta aos princípios básicos da Constituição de 1988 e uma ameaça ao êxito democrático da reforma política.

Em suma, ao comemorar os 85 anos do PCdoB afirmamos que a identidade comunista não foi nem será transacionada. O Partido dos comunistas não desaparecerá, pois ele é uma exigência histórica, uma instituição enraizada na História Política do Brasil. Afirmamos que, por sua trajetória e convicções, a existência do PCdoB é imprescindível na luta conseqüente em prol da soberania nacional, da democracia mais ampla, da justiça social, da paz e do socialismo, da unidade do nosso povo para descortinar as grandes transformações no sentido de uma sociedade mais eqüitativa que o Brasil requer.

Enfim, para nós, a realidade mundial desafiadora e o avanço democrático do continente latino-americano, a realidade brasileira com seus

ingentes desafios, exigem ousadia do Governo Lula; ousadia das forças democráticas e revolucionárias; nossa ousadia, ousadia do nosso povo, ousadia do Brasil. Assim pensa o PCdoB ao comemorar seus 85 anos de existência.

*Renato Rebelo*, Presidente do PCdoB

## **Íntegra dos discursos da sessão especial destinada a homenagear os 85 anos do Partido Comunista do Brasil**

---

O SR. PRESIDENTE (Papaléo Paes. PSDB – AP) – A Hora do Expediente da sessão de hoje é destinada a homenagear os 85 anos de fundação do Partido Comunista do Brasil, PCdoB, de acordo com o Requerimento nº 227, de 2007, de iniciativa do Senador Inácio Arruda e de outros senadores.

O SR. PRESIDENTE (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Há oradores inscritos. Sem prejuízo da ordem de inscrição, passo a palavra ao Senador Inácio Arruda para fazer o seu pronunciamento. Com muita honra, convidado a compor a Mesa o Presidente do PCdoB, Sr. Renato Rabelo.

O SR. INÁCIO ARRUDA (Bloco/PCdoB – CE) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, Sr. Renato Rabelo, Presidente Nacional do Partido Comunista do Brasil, senhoras e senhores convidados, a comemoração da passagem dos 85 anos do Partido Comunista do Brasil, no âmbito do Senado Federal, reveste-se de grande significado histórico, pois é a primeira vez que o Senado da República Federativa do Brasil destina uma sessão solene para registrar e homenagear a trajetória do Partido Comunista do Brasil.

Exatamente em 25 de março de 1922 ocorre a fundação do Partido Comunista do Brasil. Ele brota das lutas da nascente classe operária brasileira, inspira-se na revolução socialista de outubro de 1917 e levanta a bandeira da liberdade, da soberania nacional e do progresso, a bandeira vermelha do socialismo em nossa terra. De lá para cá, parafraseando o poeta Ferreira Gullar, o Partido Comunista não se tornou a maior agremiação do Brasil; mas quem quiser se referir à História brasileira sem mencioná-lo ou não conhece a História ou está ocultando parte importante dela.

É da cultura de nossa gente festejar quando as colheitas são boas. E quanta fartura de lutas e realizações há nesses 85 anos de existência do Partido Comunista do Brasil! Os trabalhadores, os democratas, são todos

bem-vindos às comemorações deste acontecimento histórico: a fundação do mais antigo Partido de nosso País. Num país marcado por longos períodos de ausência de democracia e, portanto, de partidos duradouros e sólidos, não tem sido fácil a sua atuação política e organizativa.

Os comunistas foram alvo preferencial desse mal crônico. Em julho de 1922, quatro meses após sua fundação, o Partido foi posto na ilegalidade. Porém, ele jamais se intimidou e nunca renunciou ao seu papel histórico. E, para exercê-lo, teve, na expressão de Jorge Amado, de “atuar nos subterrâneos da liberdade”.

Sua edificação não descreve um percurso linear. Pela sua natureza, que abarca teoria, ideologia, política e combate, sua construção passou por crises e sobressaltos.

Pelas contingências da História nacional, o PCdoB é um partido forjado no combate e – insisto – sempre na defesa da soberania, da democracia e dos direitos do povo. Enfrentou o autoritarismo da República Velha e do Estado Novo. Pela democracia, organizou a guerrilha do Araguaia.

João Amazonas, Presidente de Honra do PCdoB, sublinha que o Partido, mesmo duramente perseguido, deu importantes contribuições em todos os âmbitos da vida nacional para que o Brasil conquistasse o seu atual grau de desenvolvimento. Foi a primeira agremiação a defender a reforma agrária. Vinculado à classe operária, liderou inúmeras lutas, que resultaram em importantes conquistas sociais. Capitaneou o movimento contra o nazi-fascismo, impulsionou a campanha “O petróleo é nosso”, que resultou na criação da Petróleo Brasileiro S.A, a Petrobras. Desencadeou o movimento em defesa da Amazônia, que ontem celebramos aqui em sessão solene, homenageando também a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, uma campanha que os comunistas desencadearam já há um longo tempo em defesa da soberania do Brasil sobre aquele espaço gigantesco da Amazônia.

Reorganizado e na legalidade desde 1945, alcançou um grande crescimento: 180 mil filiados até o final de 1946 – entre 45 e 46. Na eleição, o Partido conquistou 10% da votação para Presidente da República, elegeu Luis Carlos Prestes senador e 14 deputados para a Assembléia Nacional Constituinte de 1946, entre eles João Amazonas e Maurício Grabois, líder da bancada. Lembro que foram 14 deputados na legenda do PCdoB, mas elegemos mais dois comunistas em outras legendas, que participaram ativamente do processo de elaboração da Constituinte.

Na Constituinte, abraçou o Partido a defesa da liberdade de organização partidária, sindical, religiosa, o direito de greve e de pensamento, o

combate à discriminação. Sua bancada de parlamentares assegurou importantes direitos sociais, incluindo a liberdade religiosa. Essa aguerrida bancada teve papel fundamental na defesa da democracia, dos direitos dos trabalhadores e da soberania de nosso País.

Para melhor compreender a atuação comunista na Assembléia Constituinte de 1946, é preciso lembrar que a Constituinte foi convocada e funcionou após o término do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial, na qual as forças democráticas do mundo impuseram uma derrota ao bloco nazi-fascista.

Sem compreender esse contexto, não se podem entender a participação da bancada comunista na Constituinte e a feroz reação conservadora que a acompanhou, que culminou com a cassação do registro do Partido em maio de 1947 e dos mandatos de seus parlamentares em janeiro de 1948. Isso mesmo, todos os parlamentares comunistas foram cassados em 1948!

No curso das batalhas e em função dos seus ideais avançados, atraiu literatos, cientistas sociais e grandes expoentes das artes, entre eles – para citar apenas alguns – estão: Caio Prado Júnior, cujo centenário celebramos este ano, um homem que organizou um dos maiores compêndios de História do nosso País; Alberto Passos Guimarães; Cândido Portinari, que foi candidato ao Senado pelo Estado de São Paulo e que, não fora aquela contagem na base da perna ali na hora, teria também sido eleito senador, mas garfaram o mandato desse artista fabuloso do povo brasileiro pelo Partido Comunista; Edgar Carone; Graciliano Ramos; Jorge Amado; Lila Ripoll; Nelson Werneck Sodré, outro gigante estudioso da vida política e da história do povo brasileiro; Oscar Niemeyer – põe gigante nisso! –, centenário construtor de Brasília e de tantas outras grandes obras no nosso País e no mundo; Vasco Prado, Tarsila do Amaral e Florestan Fernandes.

Não cito outros mais porque não poderia parar e o tempo não permite. Mas é uma lista longa de grandes personalidades do povo brasileiro; jovens, homens, mulheres, batalhadores do nosso povo que ingressaram no Partido Comunista.

Em 1988, os Constituintes comunistas novamente proporcionaram conquistas populares e avanços democráticos. O Partido esteve na linha de frente da campanha pelas “Diretas Já”. O Partido Comunista do Brasil teve participação intensa na normalização da vida institucional brasileira, através da Constituinte de 1987/1988. Sua bancada de parlamentares lutou com determinação e apresentou 1.003 emendas constitucionais – isso mesmo, 1.003 emendas –, cuja elaboração teve a contribuição decisiva de



João Amazonas, que trouxe à bancada comunista a experiência adquirida na Constituinte de 1946.

Eu me lembro desses fatos, porque eu não tinha nenhum mandato. E estive aqui, na Assembléia Constituinte, defendendo uma das emendas populares que foram apresentadas à Constituição em 1988.

O Sr. *Antonio Carlos Valadares* (Bloco/PSB – SE) – Senador Inácio Arruda, antes de V. Ex<sup>a</sup> terminar o seu pronunciamento, eu gostaria de fazer-lhe um aparte, se possível.

O SR. INÁCIO ARRUDA (Bloco/PCdoB – CE) – Eu concedo o aparte a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Antonio Carlos Valadares, que tem contribuído muito com o nosso Partido na luta democrática, no Senado e no Congresso Nacional.

O Sr. *Antonio Carlos Valadares* (Bloco/PSB – SE) – E, também, lá no Estado de Sergipe, somos parceiros há muitos anos, PSB e PCdoB.

O SR. INÁCIO ARRUDA (Bloco/PCdoB – CE) – Não há dúvida.

O Sr. *Antonio Carlos Valadares* (Bloco/PSB – SE) – Eu gostaria de, aproveitando o pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup>, que traz um retrato vivo da atuação política do PCdoB ao longo da nossa história, digo que o Brasil e a democracia muito devem à firmeza, ao idealismo, à coragem do PCdoB. Se estamos vivendo hoje momentos de democracia plena, de tranqüilidade para trabalharmos no Senado, na Câmara, sendo ouvidos, muito devemos àqueles que inclusive sacrificaram a sua vida para defender a bandeira da liberdade, da democracia e da cidadania. E V. Ex<sup>a</sup> é um exemplo, Senador Inácio Arruda. Logo ao chegar aqui ao Senado Federal, V. Ex<sup>a</sup> trouxe luminosidade, transparência, grandiosidade, não só do seu querido Ceará, mas do seu amado PCdoB. Portanto, meus parabéns a V. Ex<sup>a</sup> e a toda a Direção do PCdoB pelos relevantes e inestimáveis serviços prestados à democracia brasileira. E aqui está o Presidente do Partido, Dr. Renato, que tem contribuído com a sua participação para o fortalecimento dos laços entre os partidos chamados progressistas e também para a nossa democracia ainda nascente, mas cada vez mais forte com a participação do PCdoB. Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

O SR. INÁCIO ARRUDA (Bloco/PCdoB – CE) – Senador Antonio Carlos Valadares, ao agradecer o destacado aparte de V. Ex<sup>a</sup>, lembro que o Partido Socialista esteve conosco nessa batalha da cláusula de barreira no Supremo Tribunal Federal e fez questão de estar presente no momento da defesa, na sustentação oral feita naquela Corte, mesmo já não tendo mais necessidade. Outros poderiam dizer: “nós já alcançamos os 5%” – e o PSB alcançou os 5% de votos para a Câmara Federal – “já não é mais conosco

esse problema”. Mas o PSB fez questão de ir ao Supremo Tribunal Federal, e esse gesto tem muito significado democrático. O PSB foi ali dizer: “estamos aqui porque essa é uma causa da democracia brasileira, e temos de derrubar essa barreira porque ela é contra a democracia e não pode vigorar”. Isso o PSB fez no STF e está fazendo aqui ao defender alternativas a uma tentativa de retorno à cláusula de barreira pela via constitucional.

Agradeço o aparte de V. Ex<sup>a</sup> e o incorporo a este pronunciamento comemorativo dos 85 anos do PCdoB.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, entre outras conquistas que partiram de iniciativas da nossa bancada comunista na Constituinte de 1988, podem-se destacar: o asilo inviolável do cidadão, uma das emendas que apresentamos; o direito de qualquer cidadão propor ação popular; a liberdade e a unicidade sindicais; o direito de greve; a reforma urbana; o conceito de empresa brasileira de capital nacional. No início dos anos 90, enfrentou a colossal campanha anticomunista desencadeada pelo imperialismo. Tudo isso deu base para o PCdoB apontar para o Brasil, em 1995, uma proposta de socialismo renovado, enriquecido pelo crivo crítico da História.

Atualmente, sua bancada na Câmara Federal, constituída por treze parlamentares, desenvolve frutífera articulação política e se destaca pela combatividade e coerência na defesa do País, liderada pelo nosso Vice-Presidente, aqui presente, Deputado Renildo Calheiros. Um partido de presença tão rica na História é imprescindível ao Brasil e a seu povo, no presente e no futuro, é indispensável à democracia. Esta é uma lição que pode ser tirada destes 85 anos de sua atividade no Brasil. Toda vez que seu funcionamento foi coibido, as liberdades públicas foram sufocadas em nossa Pátria. O conjunto de direitos dos trabalhadores, assegurado por lutas nas quais os comunistas tiveram presença destacada, é outra demonstração da sua importância.

O PCdoB sempre atuou lado a lado com outras correntes patrióticas em defesa da soberania do País. Sempre considerou que a unidade de amplas forças progressistas é a garantia de êxito aos sucessivos avanços necessários à Nação. Trabalha pela unidade das forças avançadas, patrióticas e democráticas, sem renunciar à sua independência.

O PCdoB chega a esta data com uma aguda noção do seu papel histórico, ontem, hoje e amanhã. Só o fato de atingir 85 anos é um feito inédito em um país de partidos, na sua maioria, frágeis e conjunturais.

Agora, no rastro de tantos heróis e mártires, pela primeira vez, toda uma geração de comunistas se forja no usufruto da legalidade. Recente-

mente, o Supremo Tribunal Federal vem declarar inconstitucional a cláusula de barreira, mecanismo antidemocrático que atenta contra a pluralidade de idéias e partidária.

O PCdoB atua no Parlamento. O PCdoB defende o Socialismo que se renovou com as lições extraídas da História e que se renova com as lutas e idéias do presente. Desse modo, a luta pela nova sociedade vive um novo período e se tornou ainda mais premente, um clamor que brota da realidade.

Na ocasião deste aniversário de 85 anos do Partido Comunista do Brasil, nada mais adequado do que afirmar sua juventude na formulação das idéias destinadas à construção do novo para a humanidade, que é o socialismo. Nada mais justo do que afirmarmos que temos no partido Comunista do Brasil um velho Partido novo, jovem, que nasce e renasce em cada época histórica, com o ímpeto transformador que fermenta continuamente na sociedade.

O manifesto da Comissão Política Nacional do Partido Comunista do Brasil, aprovado em São Paulo, no dia 26 de fevereiro de 2007, afirma que respondemos aos que descrêm da política, que entendemos seus motivos, mas rejeitamos sua conclusão. Mais do que nunca, é necessário ao povo trabalhador entrar na política, fazer a sua política, a política maiúscula que liberta, e em nome dela é que conclamamos o Brasil a ser audaz.

Nestes 85 anos, o PCdoB adquiriu a força e a bravura dos sertanejos, enaltecidos por Euclides da Cunha, mas não perdeu a ternura, como aconselhou Guevara. E armou-se da teimosia de um povo que não abre mão de ser feliz, o que será plenamente possível no Brasil soberano, democrático e socialista que nossas mãos unidas irão conquistar. São estes os nossos anseios, são estes os anseios do Partido Comunista do Brasil.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao Senador Arthur Virgílio, Líder do PSDB no Senado Federal.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, Sr<sup>as</sup> e Srs. Deputados, saúdo de maneira especial os Deputados do PCdoB, a começar pela Deputada Vanessa Grazziotin, do meu estado, a Deputada Manuela d'Ávila, do Rio Grande do Sul, o meu prezado amigo Renildo Calheiros e o Deputado Eron Bezerra, do meu Estado. Evidentemente, devo também me reportar a essa liderança maior do Partido que é Renato Rabelo, sem deixar de lembrar outra figura por mim muito prezada, homem público do melhor calibre, o ex-Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Aldo Rebelo.

Senador Inácio Arruda, é com muito orgulho que cumpro, prazerosamente, o que para mim é um dever: homenagear o seu Partido, por ligá-lo a diversos momentos essenciais na luta por democracia no Brasil.

Podemos remontar à pressão popular para que o Brasil entrasse na guerra contra o eixo nazi-fascista. Poderíamos nos recordar da resistência à ditadura varguista, antes, e à ditadura de 64, durante toda a sua duração, desembocando na belíssima luta pelas eleições diretas.

Era muito fácil um partido de oposição, àquela altura, entrar na campanha pelas diretas, mas há um fato histórico que deve aqui ser lembrado. Alguns setores que se supunham de esquerda, à época, sectarizaram suas posições e criaram um grupo denominado Só Diretas. Maioria eles, Maluf teria sido Presidente da República e não Tancredo e, depois, Sarney. Portanto, atraso no processo de transição democrática. A História, claramente, condena aquela posição, sem deixar de absolver aqueles companheiros tão idealistas.

Mas o PCdoB, visto por tantos como entidade de posições radicais, provou, naquele momento, que havia uma diferença essencial entre ser radical e procurar, na sua visão de mundo, que não é a minha, a solução para os problemas sem ser sectário. O sectário não precisa ser radical; o radical poderá ou não ser sectário. Ele não será um radical efetivo se for sectário e ele, se for sectário, jamais conseguirá ser radical.

Portanto, naquele momento, a posição do PCdoB, junto com a posição do PCB e com a posição, inclusive, do MR-8, Movimento Revolucionário 8 de Outubro, a favor da ida ao Colégio Eleitoral para destronarmos o regime autoritário, principiando, a partir daí, a transição democrática, foi essencial. E o Presidente José Sarney protagonizou um momento muito bonito em pleno processo de abertura política, Presidente Renan Calheiros: a audiência que abriu aos dirigentes dos partidos clandestinos. Lá estavam o inesquecível João Amazonas, o valoroso Giocondo Dias e a direção do MR-8. Isso era algo até então impensável, Deputado Jamil, absolutamente inimaginável por quem estava saindo dos traumas de um regime ditatorial. Todo regime ditatorial causa traumas.

Vivemos momentos que foram absolutamente brilhantes e instigantes na vida pública brasileira. Eu próprio, no Governo anterior, fui líder e ministro, tendo tido a oposição sempre honrosa do PCdoB. Creio muito na figura do pluralismo. Não acredito na idéia monocórdia de que todos devem pensar a mesma coisa. Mas também vivemos momentos muito interessantes.

Em algum instante, apareceu à nossa frente a possibilidade de se fazer o Ministério da Defesa. Deputada Manuela, eu julgava que envelhe-

ceria, morreria e não veria o Ministério da Defesa no País. Sou da geração que estava acostumada mais com as trevas do que com a luz. E o Ministério da Defesa veio com plena aceitação por militares, que haviam mostrado enorme capacidade, Deputada Perpétua Almeida, de se reciclar.

Depois, outro momento com que se defrontou o então Presidente Fernando Henrique: anistiar ou não Carlos Lamarca, já que havia uma determinação muito clara de anistiar Carlos Marighela. Certa vez, eu estava conversando, no plenário da Câmara, com o Deputado Hélio Bicudo, que me perguntou: “Por que esse recuo? Por que vocês não propõem logo anistia ao Marighela, pelo menos, já que está difícil ao Lamarca?” Respondi a ele, pedindo uma confidencialidade que ele guardou até este momento. Eu disse: “Bicudo, se anistiarmos o Marighela agora, nunca mais anistaremos o Lamarca. É fundamental que as condições sejam construídas para os dois irem juntos. Ou vão os dois ou teremos percalços”. Já lá se vão muitos anos, e acabamos com pouquíssimo trauma nos militares da ativa e alguma reclamação dos militares da reserva, vendo se transformar em realidade o conagraçamento último que seria se dizer: “Olha, a família Lamarca merece esse ressarcimento”, sem que as pessoas tenham de dar pinotes históricos. Se alguém perguntasse se julgo que aquela era a via mais correta para restabelecer a democracia no Brasil, eu diria que não. Não foi aquele o caminho que eu trilhei. Se eu julgasse, procuraria trilhar aquele caminho. Agora, o Brasil precisaria mesmo se reencontrar com esse perdão que a anistia traria em si.

E depois vi mais. Vejo, na caminhada do PCdoB, algo admirável, pela persistência com que luta pelos seus ideais. Mantém o nome, faz suas reciclagens, mas, sobretudo, em 85 anos de vida, acumulou muita história. Muitos artistas, muitos poetas, muitos historiadores, muitos dramaturgos, muitos homens do povo, muitos líderes operários, muitos intelectuais. O PCdoB merece de mim imenso respeito. E devo frisar: sobretudo, respeito e muita ternura pessoal pela figura de João Amazonas. No meu Estado, somos adversários. Tenho, por outro lado, relação no mínimo correta com todos os dirigentes do partido e uma relação muito fraterna com a Deputada Vanessa Grazziotin e com o Deputado Eron Bezerra, que sempre chamo de o meu neoliberal preferido.

Eu não poderia, portanto, abrir mão de participar desta sessão, de dar este testemunho e, em vez de delegar a outro senador, dizer que esta é uma tarefa para mim, até pelas afinidades de lutas passadas e pelo conagraçamento em relação a algumas lutas que, tenho certeza, poderão ser travadas no futuro, porque não há hipótese, eu imagino, de estarmos separados, nós

que temos tantas diferenças no econômico e na visão administrativa, mas não deixaríamos de estar juntos, Senador Tião Viana, e já concedo aparte a V. Ex<sup>a</sup>, se porventura acontecesse aquilo que não acontecerá. Se alguma nuvem ditatorial pairasse sobre o País, tenho certeza absoluta de que nos reuniríamos outra vez. E tudo que eu quero é que não nos reunamos conjuntamente – numa eleição ou noutra, quem sabe – porque nada mais drástico, nada mais lamentável do que a ditadura ter obrigado os desiguais a ficarem juntos, porque a ditadura obriga os desiguais a ficarem juntos, e o bom da democracia é podermos dizer aos desiguais que cada um pode trilhar o seu caminho, com a divergência, engrandecendo inclusive o respeito mútuo. Nós não temos de voltar àquele maniqueísmo em que era o sim e o não, e nós tínhamos de dizer não e a ditadura dizia sim. A ditadura nos obrigava, todos, a ficarmos enfiados numa frente muito honrosa, a frente do MDB, que deu todos os seus frutos e cumpriu todos os seus deveres para com o País.

Concedo o aparte ao Senador Tião Viana.

O Sr. *Tião Viana* (Bloco/PT – AC) – Caro Senador Arthur Virgílio, é uma alegria muito grande ouvir o testemunho de V. Ex<sup>a</sup>, que é um democrata em seu sentido pleno e amplo, quando expressa aqui uma trajetória de relação entre sua vida política e os acontecimentos que acompanharam a atividade do PCdoB também em nosso País, numa época muito marcante para todos nós que sonhamos com a democracia, com um Brasil justo, com a sociedade diferente. E como V. Ex<sup>a</sup> diz, há diferenças, mas as responsabilidades com a democracia são muito semelhantes entre o partido de V. Ex<sup>a</sup>, o meu, o PCdoB. Conseguimos criar uma relação sólida, uma coalizão verdadeira e virtuosa dentro do Estado do Acre com o PCdoB, com partidos democráticos. Estendemos o arco de aliança até em diferentes concepções programáticas, mas o eixo da governabilidade sempre preservou a responsabilidade com a política socioeconômica voltada a uma visão de justiça social, de organização partidária para servir à população. Penso que a grande lição que alcançamos e construímos ao longo dos anos com a companhia Perpétua e com Edvaldo Magalhães, dirigentes no meu Estado do PCdoB, foi esta: preservar uma identidade com as responsabilidades, com os interesses maiores da população, especialmente a população excluída. O Acre criou uma identidade e uma visão de desenvolvimento própria hoje dentro de um universo de desafios que tem o Brasil inteiro. Tenho lembranças do que foi a vitalidade dada pelo PCdoB a entidades como a UNE, os sindicatos, as organizações trabalhistas neste País, a capacidade de mobilizar as massas quando tínhamos uma inquietação na redemocratização nos anos 70 e 80. E

aquela palavra de ordem que o PCdoB dividia com todos nós: arroz, feijão, saúde, educação, que era o grito pleno pela cidadania, pela participação popular nas decisões das instituições públicas deste País. Trago, também, muita lembrança do movimento estudantil, de toda uma luta. Penso que o desafio que se impõe agora, em seus 85 anos, a um partido maduro, que tem como dirigente Renato Rabelo e quadros como os que estão aqui, é exatamente olharmos para essa capacidade instalada do movimento social e político da democracia brasileira e dar uma vida nova a ela, uma roupagem de tolerância, compreensão e ampliação das responsabilidades. O melhor exemplo que podemos dar é o revigoramento das funções do Parlamento. Eu sei que, com palavras como a de V. Ex<sup>a</sup> e com o que foi dito pelo Senador Inácio Arruda aqui, podemos compreender como a relação Governo-Parlamento poderia ser tão mais profunda, responsável e fazer tanto mais pelo Brasil, se o PCdoB e o PSDB, com as suas dimensões e conteúdos, e o meu partido, o PT, trilhassem por um ponto, um caminho convergente que nos unisse mais, pelas responsabilidades e virtudes, e nos separasse menos. Este é um momento bonito. Parabéns ao PCdoB pelo que representa para a democracia brasileira e para a história da liberdade no Brasil.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Senador Tião Viana, V. Ex<sup>a</sup> sabe que é recíproca a admiração. Eu tenho de V. Ex<sup>a</sup> exatamente a imagem, até porque dialogamos aqui, no dia-a-dia, da figura tolerante que V. Ex<sup>a</sup> é, sem deixar de ser muito firme na defesa de suas posições.

Quando V. Ex<sup>a</sup> fala do esquema de sustentação política do Governo do Acre que se montou lá e homenageia a Deputada Perpétua, quero deixar bem claro para ela que tenho admiração por S. Ex<sup>a</sup> não apenas pelos saltos cívicos que é capaz de dar, mas também por saber da sua bravura e comprometimento com a causa amazônica.

Vejo, nesta sessão, muito de símbolo. A Senadora Patrícia tem uma história, para trás, com o PCdoB. O Senador Renan Calheiros chegou ao Congresso junto comigo, pensando o mesmo em relação à ditadura; mas eu vim e imediatamente passei a integrar, Deputado Jamil, a fração parlamentar do Partido Comunista Brasileiro, ao qual eu me ligava desde os tempos da Faculdade de Direito, no Rio de Janeiro, e o Senador Renan Calheiros, que preside esta sessão não à toa, pois também tem o pezinho no PCdoB, e por isso faz questão de estar aqui presente. Sei o quanto é importante essa data para todos os que têm essa mesma referência.

E aqui eu revelo aos senhores dois desejos, aliás, um desejo e uma aspiração, Senador Inácio Arruda. Um desejo é que o PCdoB tenha vida longa e possa completar, daqui a 85 anos, 170; outro desejo é que eu, evi-

dentemente, não como orador, gostaria de estar vivo presenciando a sessão daqui a 85 anos.

Muito obrigado.

Era o que eu tinha a dizer. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao nobre Senador Leomar Quintanilha. Com a palavra V. Ex<sup>a</sup>.

O SR. LEOMAR QUINTANILHA (PMDB – TO) – Sr. Presidente, Renan Calheiros; Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores; ilustre Presidente do Partido Comunista do Brasil, Renato Rabelo; Il<sup>mo</sup> Secretário de Organização desse Partido, Walter Sorrentino; Secretário de Relações Institucionais, Ronald Freitas; Sr<sup>as</sup> e Srs. Deputados, no último dia 25, o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) completou 85 anos de existência. Uma longa trajetória de luta, resistência e dedicação à causa popular. Não há uma luta progressista relevante no Brasil ou no mundo que não tenha contado com o concurso direto desses brasileiros combativos.

Os militantes do PCdoB têm hoje presença marcante na luta pelos direitos sociais, como no passado deram contribuição inestimável na campanha pela entrada do Brasil na guerra contra o nazi-fascismo, pela criação da Petrobras, pela democratização do País. Participaram das Constituintes de 1945 e 1987, entre inúmeros outros episódios. Também se empenharam com entusiasmo pela vitória do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, tendo apoiado todas as suas candidaturas presidenciais desde 1989.

A história do Partido Comunista do Brasil está marcada pela presença de brasileiros eméritos, que muito atuaram para a grandeza do nosso País, como Astrogildo Pereira, Luiz Carlos Prestes, João Amazonas, Pedro Pomar, Maurício Grabois, Diógenes Arruda, Elza Monerat, entre tantos outros. Agora, Renato Rabelo comanda o registro da história moderna do partido.

Desde sua fundação, em 1922, o Partido Comunista do Brasil tem sido um termômetro da democracia neste País. Quando deixou de ter existência legal, a democracia também foi golpeada, e o povo e os seus lutadores mais audazes, perseguidos. Desde 1985, vive o seu mais longo período de atividade legal. Atua no Parlamento, participa do Governo Lula e de administrações estaduais e municipais. Tudo isso é sintoma de saúde da jovem democracia brasileira.

A coerência ideológica do PCdoB é uma marca profunda de sua existência. O partido tem se credenciado como força de aglutinação política



dos setores mais avançados da sociedade e como porta-voz de importantes setores da vida política nacional. Seus integrantes buscam respostas novas para problemas novos. Procuram entender os meandros da complexa política brasileira.

Atualmente, o PCdoB consolidou seu nome, ampliou sua banca parlamentar, mantém nesta Casa a voz firme e incontestada do combativo Senador Inácio Arruda e, na Câmara dos Deputados, valorosos deputados federais. Elegeu prefeitos e tem presença no Executivo, atuando por um Brasil igualitário, soberano e desenvolvido. Trabalha pela unidade das forças avançadas, patrióticas e democráticas, sem renunciar à sua independência, às suas convicções. Busca a realização dos seus objetivos programáticos: a soberania nacional, a democracia para o povo, a ampliação dos direitos sociais, o fortalecimento das relações do Brasil com os demais países da América Latina.

O PCdoB completa 85 anos como o mais antigo partido brasileiro, e também o mais jovem, pela sua militância e ousadia.

Estive, por um breve período, sob a égide dessa gloriosa agremiação. Breve, porém rica e gratificante, o que me permitiu um largo aprendizado sobre convivência humana, democracia, responsabilidade social e respeito à soberania nacional. Essa convivência somente reforça a admiração e o respeito que tive e tenho por seus dirigentes e militantes.

Reforço a convicção que tenho da importância da participação efetiva do Partido Comunista do Brasil, a exemplo do que ocorreu até agora na construção da História Moderna do Brasil.

Parabéns, portanto, ao Partido Comunista do Brasil pela comemoração de mais um importante aniversário.

*A Sr<sup>a</sup> Patrícia Saboya Gomes (Bloco/PSB – CE) – V. Ex<sup>a</sup> me concede um aparte?*

O SR. LEOMAR QUINTANILHA (PMDB – TO) – Com muito prazer, concedo o aparte à eminente Senadora.

*A Sr<sup>a</sup> Patrícia Saboya Gomes (Bloco/PSB – CE) – Senador Leomar Quintanilha, antes de mais nada, parabênizo V. Ex<sup>a</sup> pelo pronunciamento exaltando um partido que, certamente, tem o carinho e a admiração de todos nós, brasileiros, homens e mulheres de boa-fé, que acreditam numa sociedade mais justa, mais digna, na qual homens e mulheres possam ter como meta principal a felicidade, a paz; uma sociedade com a cultura de paz. E fico muito feliz em poder participar deste momento, desta solenidade tão especial, Presidente Renato Rabelo, pela minha história também. Sou cearense e, ao iniciar-me no movimento estudantil, era ligada ao PCdoB.*

Toda a minha militância na universidade esteve ligada a esse partido. Nunca me filiei ao partido, mas sempre fiz parte, portanto, dessa corrente. Tenho só lembranças muito importantes e muito positivas na minha vida. Tenho certeza de que foi essa militância que me proporcionou a condição, o privilégio e a honra de hoje poder, aqui no Senado da República, representar o povo do meu Estado do Ceará. Eu quero, neste momento em que comemoramos os 85 anos de fundação do partido, de muita luta, certamente de momentos difíceis, delicados que o partido enfrentou, com muita coragem e determinação, dizer da minha imensa admiração. Apesar de ser uma sigla que não tem tantos parlamentares, o PCdoB tem-se destacado pelas suas ações, pelas suas atitudes, pela seriedade com que leva a política, pela importância com que considera a política como uma ferramenta de transformação e de mudança para nossa sociedade. Tenho aqui a referência do Senador Inácio Arruda, hoje nosso companheiro nesta Casa. Sou admiradora do trabalho, do talento, da dedicação que S. Ex<sup>a</sup> sempre deu às causas, principalmente sociais, aos mais necessitados, à população mais pobre, mais humilde do nosso Estado. Inácio tem uma trajetória belíssima, que sai desse movimento popular e consegue chegar ao Senado da República pela certeza, pela garantia e pela convicção de que é possível mudar. Em sua trajetória, foi vereador, deputado estadual, deputado federal e agora já está brilhando no Senado da República. Portanto, eu quero trazer a todos do PCdoB o meu abraço muito carinhoso, o meu abraço muito fraterno. Minha admiração é tanta que, mesmo quando disputei a Prefeitura de Fortaleza com o Deputado Inácio Arruda, fiz questão de ir, logo no primeiro dia, ao jantar de adesão, pela admiração que tenho por S. Ex<sup>a</sup> e por seu partido, enfim, pelo papel extraordinário que tem o PCdoB na nossa história e na nossa vida. Parabéns a todos os senhores e a todas as senhoras. Que o PCdoB continue brilhando, sendo firme e forte como um partido que tem consistência, como um partido que tem uma história e muitos exemplos a dar para que o Brasil também possa seguir. Parabéns. (*Palmas.*)

O SR. LEOMAR QUINTANILHA (PMDB – TO) – Agradeço, Senadora Patrícia Saboya, a contribuição que traz ao meu pronunciamento, esse registro importante do valor, da história e da combatividade dos seus representantes, em especial os deputados federais, que têm lutado com muita competência e com raro brilho para alcançar conquistas sociais, sobretudo na defesa dos mais pobres, dos mais necessitados, pela igualdade dos direitos. Enfim, é a grande marca desse extraordinário partido, que completa 85 anos. Eu me associo a V. Ex<sup>a</sup> e a tantos quantos que, de forma muito feliz e muito alegre, comemoram a passagem de mais um aniversário do PCdoB.

O Sr. Sérgio Zambiasi (Bloco/PTB – RS) – Senador Leomar Quintanilha, permita-me um aparte, com a generosidade do nosso Presidente?

O SR. LEOMAR QUINTANILHA (PMDB – TO) – Senador Zambiasi, tem V. Ex<sup>a</sup> a palavra.

O Sr. Sérgio Zambiasi (Bloco/PTB – RS) – Sei que já estamos ultrapassando um pouco o tempo, mas, como infelizmente não consegui chegar a tempo de cumprimentar o querido companheiro e colega Senador Inácio Arruda, eu não poderia deixar de manifestar também a minha admiração e o meu carinho pelos militantes e pela história do PCdoB. Tenho o privilégio de ter aqui ao meu lado a Deputada Manuela d’Ávila, maior fenômeno de votos nas últimas eleições do Rio Grande do Sul: quase 300 mil votos. Seguramente, esse não é apenas o resultado da sua garra, da sua simpatia, da sua determinação, mas também, sem dúvida alguma, do trabalho e da militância daqueles que fazem a base do PCdoB no Rio Grande do Sul, que já contava, na sua história, com a Deputada Jussara Cony, querida companheira, colega, amiga, que muito contribuiu com a Assembléia daquele Estado. S. Ex<sup>a</sup> foi deputada comigo durante quatro legislaturas e apenas não se reelegeu porque ofereceu o nome dela como candidata a vice-governadora ao lado do Governador Olívio Dutra. Rendo aqui a minha homenagem e a minha admiração à história da Deputada Jussara Cony. Na Assembléia, hoje o PCdoB está representado pelo Deputado Raul Carrion. Portanto, no Rio Grande do Sul, Senador Leomar Quintanilha, o PCdoB sempre teve uma belíssima representação, uma militância aguerrida, lutadora, parceira, honesta, leal, transparente, que sempre soube fazer a boa luta, e, por isso, sempre soube conviver, harmônica e democraticamente, na Assembléia em que fui deputado e no convívio, no cotidiano e na luta pelas causas populares. Por isso, deixo o meu abraço e os meus cumprimentos nesta data tão importante para a democracia brasileira. (*Palmas.*)

O SR. LEOMAR QUINTANILHA (PMDB – TO) – Agradeço, Senador Sérgio Zambiasi, sua contribuição ao meu pronunciamento, lembrando que o testemunho de V. Ex<sup>a</sup> acerca da força, da determinação e da obstinação da ilustre representante do PCdoB no Estado se repete com o mesmo vigor, o mesmo entusiasmo, o mesmo espírito público e a mesma dedicação em todos os estados brasileiros em que o PCdoB tem a sua representação. Daí a nossa admiração e o nosso respeito não só pelo seu dirigente e seus lídimos representantes, mas também por sua gama enorme de militantes.

Parabéns, mais uma vez, ao Partido Comunista do Brasil. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao nobre Senador Aloizio Mercadante. Antes,

tenho a satisfação de convidar o Ex<sup>om</sup> Sr. Ministro do Esporte, Orlando Silva, para compor a nossa Mesa. (*Palmas.*)

Ainda com a aquiescência de V. Ex<sup>a</sup>, eu gostaria de convidar também para compor a Mesa a Prefeita Luciana Santos, da cidade de Olinda.

Com a palavra V. Ex<sup>a</sup>, Senador Aloizio Mercadante.

O SR. ALOIZIO MERCADANTE (Bloco/PT – SP) – Sr. Presidente Renan Calheiros, Sr. Presidente do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, camarada Renato Rabelo, querido e competente Senador Inácio Arruda, que já chega brilhando ao Senado Federal, Sr. Ministro do Esporte, Orlando Silva, querida Prefeita de Olinda, Luciana, Senador Leomar Quintanilha, demais senadores e senadoras, demais presentes, quero também saudar Renildo, Deputado Federal, companheiro de tantas lutas e tantos mandatos, meu camarada e companheiro Jamil Murad – é tão bom te ver em Brasília; faz muita falta um deputado imprescindível ao nosso Estado e à luta do povo neste Congresso Nacional –, Vanessa, Manuela, Walter Sorrentino, Secretário-Geral do Partido, enfim, eu queria saudar a todos e a todas e dizer que recebi um discurso preparado, mas para falar do PCdoB eu não preciso de nenhum subsídio. Basta recorrer um pouco à História do Brasil, à minha memória, à minha história de luta, para observarmos que não há um só momento, ao longo desses 85 anos, em que esse grupo corajoso de militantes, ousado e com grande visão histórica – eram 73 os militantes que fundaram o partido, que, hoje, 85 anos depois, é a mais antiga agremiação partidária do nosso País –, não esteve presente na nossa História. Um partido que atravessou ditaduras, adversidades e longo período de lutas na clandestinidade e que esteve presente em todos os grandes momentos da História do Brasil.

Foi assim na campanha “o petróleo é nosso”; foi assim na luta pelas Constituintes – mais de uma; foi assim na luta pelos processos de redemocratização – e foram tantos; foi assim na resistência às ditaduras – inúmeras; enfim, o PCdoB sempre esteve presente na luta popular, na luta sindical, na luta estudantil, na luta para construir uma sociedade solidária, mais generosa, mais fraterna, uma sociedade socialista, principal orientação política dessa organização partidária que deu uma contribuição imensa, especialmente no período recente à redemocratização do Brasil.

Carrego 35 anos de militância política. E já nos meus primeiros momentos de luta, ainda na ditadura militar, no movimento estudantil, não havia uma assembléia em que o PCdoB não estivesse presente; não havia uma eleição de centro acadêmico, de Diretório Central dos Estudantes – participei da geração que refundou o DCE livre da USP – em que não

estivesse o PCdoB militando; não havia uma campanha – e falo aqui da luta ampla, geral e irrestrita – de que o PCdoB não fizesse parte, seja por meio de mobilização, de panfletagem, reivindicando o fim das torturas, da repressão e a anistia.

Na nossa luta pela Assembléia Nacional Constituinte, o PCdoB saiu à frente com essa bandeira, lutando com muito empenho todas as frentes de luta, apostando na redemocratização. Na luta pelas Diretas Já, vestimo-nos de amarelo, mas as bandeiras do PCdoB estavam em todos os grandes comícios, em todas as grandes manifestações, em todas as cidades mais importantes do Brasil. Basta nos lembrarmos da luta pelo *impeachment*, da luta pela ética na política, da organização dos movimentos contra a carestia e o custo de vida nos anos 70.

Naquela época, o Jamil Murad já estava tomando “borrachada”, ali, na Praça da Sé. Eu nunca vi uma manifestação popular importante em que o Jamil não tivesse à frente; nunca vi na minha história. E olha que eu estive em quase todas; e, naquelas a que não fui, ele estava lá.

Assim como Aldo. Quando eu conheci o Aldo, eu era vice-presidente da ANDES – Associação Nacional de Docentes –, que fundamos em 1980 e que hoje é o Sindicato Nacional de Docentes. O Aldo era Presidente da UNE. Em todos os movimentos históricos desses 27 anos, ele esteve sempre com a sua competência, o seu brilhantismo, a sua dedicação à frente não só das lutas estudantis, da construção partidária e do mandato destacado. Chegou a ser não só presidente da Câmara, mas presidiu a Câmara Federal num momento extremamente difícil; difícil para ser parlamentar, difícil para ser deputado, difícil para se ter coerência e, principalmente, não perder os sentimentos das ruas, Senador Inácio Arruda. O Aldo nunca perdeu. Esteve ali combatendo o bom combate, contra o golpismo conservador, que sempre fez parte das elites ao longo dessa história em que o PCdoB tantas vezes foi vítima. Ou não foi assim com Getúlio, em 54? Não foi assim com Juscelino Kubitschek, a tentativa de golpe? Não foi assim com João Goulart, com a longa ditadura?

O PCdoB sempre esteve com o povo, com a democracia, com os valores fundamentais que constituem uma sociedade que, eu diria, em que o Estado de direito, as liberdades, o pluralismo são valores essenciais.

Dediquei-me, nesses 26 anos, a construir o PT, mas não houve uma única campanha em que eu estivesse presente e o PCdoB não fosse aliado. Em 1982, eu ajudava a coordenar a campanha do companheiro Lula para o Governo do Estado de São Paulo, Jamil Murad. Andamos naquele Estado sem muita perspectiva, e o PCdoB estava lá. Em 1986, estava lá. Em 1989,

a campanha presidencial. E quero aqui fazer a minha homenagem muito especial a João Amazonas, que já naquela campanha era figura de equilíbrio, que falava da unidade do povo, que passava entusiasmo, sabedoria, que estava seguro de que tínhamos chances de chegar ao segundo turno, quando toda a imprensa e todos diziam que não havia possibilidade, aquela figura serena, sempre reta, sempre firme, sempre combativa, sempre respeitada. Podiam discordar de João Amazonas, mas nunca vi nenhuma força política que não o respeitasse.

Por isso, rendo aqui a minha homenagem a um grande, entre tantos de uma geração de gigantes, que ajudou a construir a redemocratização do Brasil. E foi assim ao longo de toda a história.

O PCdoB tem alguns valores que são imprescindíveis, principalmente em um País como o nosso: coragem, combatividade e lealdade. E espero sinceramente que este Governo – que é governo porque o PCdoB esteve conosco nos momentos mais difíceis do primeiro Governo Lula – saiba reconhecer durante esses quatro anos o papel estratégico e decisivo que o PCdoB teve. Ele foi imprescindível à sustentação do Governo para enfrentar as forças oposicionistas e ajudar na vitória espetacular que o Presidente Lula teve no segundo mandato. E, por isso, precisa ser tratado com a estatura dos parceiros de primeira hora, com a estatura dos parceiros que estiveram ombro a ombro nas horas difíceis. Depois que vencemos, muita gente aderiu a nós, mas na hora em que tudo parecia perdido, quem estava lá confiante na vontade do povo, na perspectiva de transformação do País, acreditando que era possível distribuir renda, riqueza, poder e reconstruir esse caminho era o PCdoB.

Por isso, Senador Inácio Arruda, agradeço-lhe a oportunidade de vir à tribuna e dizer o que vem ao meu coração, a minha história de vida e a minha história de luta.

Parabéns, PCdoB!

Camaradas – essa é uma palavra que não uso muito porque nos chamamos de companheiros – do PCdoB, vocês são uma parte muito importante da História do Brasil. (*Palmas.*)

Muito obrigado.

O SR. RENAN CALHEIROS (PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra à Senadora Serys Slhessarenko.

A SRA. SERYS SLHESSARENKO (Bloco/PT – MT) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, senhores e senhoras do Partido Comunista do Brasil, que compõem a Mesa, a nossa saudação muito especial.

Saúdo todos os parlamentares aqui presentes, todos os senhores e senhoras presentes nas galerias e neste plenário.

Se não estou equivocada, na segunda-feira fiz uma saudação especial ao PCdoB. Falei em nome da nossa Líder, que não estava aqui em Brasília, em nome do Partido dos Trabalhadores, e fiz a minha homenagem ao PCdoB lendo parte de um texto – não foi possível lê-lo todo – de Aldo Arantes. Mesmo tendo feito isso, gostaria de dirigir algumas palavras a todos os presentes em homenagem ao PCdoB.

Serei breve, porque o Senador Aloizio Mercadante, que acabou de falar, já disse tudo aquilo que gostaríamos de dizer, e não desejo ser repetitiva.

Senador Inácio Arruda, alegra-nos muito tê-lo conosco, assim como o Senador Leomar Quintanilha, que também já esteve no PCdoB. No último dia 25 de março, comemoramos os 85 anos de fundação do Partido Comunista do Brasil. Neste País, senhores e senhoras, sem tradição partidária, mas com muita tradição de violência contra os partidos, é uma data para se comemorar e refletir.

O PCdoB, que foi fundado por um grupo de militantes sociais, já protagonizou as mais desafiadoras lutas do povo brasileiro.

Basta dizer, Sr. Presidente, que, nesses 85 anos, o PCdoB e seus militantes foram obrigados a passar a maior parte dessa existência política na clandestinidade, muitas vezes perseguidos por regimes ditatoriais sem precedentes na América Latina e no Brasil. Foram 60 anos de raras liberdades, tendo seus militantes de enfrentar o risco permanente de prisões, de tortura, de exílio e até de morte.

Um grande exemplo dessa perseguição – e eu, como mulher e senadora, não poderia deixar de registrá-lo – é Olga Benário, imortalizada no cinema pelo magnífico filme *Olga*. Essa mulher, por conta de sua convicção ideológica inabalável na existência de uma sociedade livre da opressão social, produzida pelo capital, foi entregue aos nazistas e sofreu toda sorte de tortura, até, a que considero mais grave, ser afastada de sua querida filha. Vanessa Grazziotin, nós como mulheres, com certeza, sabemos a dor que isso pode causar.

Hoje o PCdoB já faz parte dos corações e das mentes de todos os brasileiros, sendo sinônimo de democracia e de maturidade política. Mesmo clandestinos, em 1984, os bravos comunistas participaram ativamente da campanha das Diretas Já. Após 38 anos, em 1985, no Governo Sarney, o PCdoB retorna à legalidade, e no ano seguinte, elege cinco parlamentares constituintes que contribuíram decisivamente para a elaboração da chamada Constituição Cidadã de 1988.

Fiel a seus princípios, e com a volta das eleições diretas em 1989, o PCdoB estabelece uma coligação com o PT e lançam Lula Presidente, aliança que veio a se repetir nas eleições presidenciais de 1994 e 1998.

Em 2002, integrou a coligação vitoriosa que elegeu Lula Presidente e, pela primeira vez na História do País, ocupou postos-chave da administração federal, quando dirigiu o Ministério dos Esportes e da Articulação Política.

Agora, após a reeleição de Lula, neste segundo mandato, o PCdoB tem insistido na necessidade de maior ousadia na implantação de uma política econômica que priorize o desenvolvimento e o emprego.

Lá em Mato Grosso, o PT recebeu o apoio do PCdoB nas últimas eleições para o Governo, justamente por termos nos comunistas e nos socialistas nossos parceiros estratégicos. Tivemos problemas, é certo, mas nem por isso deixamos de fazer a leitura correta da necessidade de estarmos juntos. Nossas desavenças são circunstanciais, mas nossa unidade é histórica e fraterna com certeza. Nós, do Partido dos Trabalhadores, compartilhamos com o PCdoB a mesma opção de classe.

Como cidadã brasileira, como primeira senadora eleita em Mato Grosso, como presidente do Diretório do Partido dos Trabalhadores de Mato Grosso e como membro do Diretório Nacional do PT, saúdo a eterna juventude do Partido Comunista do Brasil e o faço abraçando o querido Senador Inácio Arruda, ilustre representante do Partido Comunista no Senado Federal.

Senhoras e senhores, quero registrar que 38% da bancada feminina na Câmara dos Deputados, número bastante expressivo, é do PCdoB. Quase 40% das mulheres na Câmara são do PCdoB. *(Palmas.)*

Gostaria também de anunciar que, amanhã, realizar-se-á a primeira Conferência Nacional de Mulheres do PCdoB. *(Palmas.)* São as mulheres em ação. É isso aí, companheiras mulheres do PCdoB! *(Palmas.)* Que isso sirva de estímulo para nós, mulheres de todos os partidos, de ponta a ponta do Brasil, para nos mobilizarmos e nos organizarmos para, cada vez mais, conquistarmos mais poder, sim, porque queremos poder e igualdade de condições com os companheiros homens.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao Senador Renato Casagrande. Em seguida, ao Senador Eduardo Suplicy, ao Senador Sibá Machado, à Senadora Ideli Salvatti e ao Senador José Nery, todos por até cinco minutos.

O SR. RENATO CASAGRANDE (Bloco/PSB – ES) – Sr. Presidente, Senador Renan Calheiros; Sr. Presidente Renato Rabelo, Presidente Nacional do PCdoB; Senador Leomar Quintanilha; Senador Inácio Arruda, nosso companheiro do PCdoB, das nossas lutas aqui no Senado;



Ministro; Prefeita; todos os senadores e senadoras; militantes; deputados e deputadas do PCdoB aqui presentes; companheiros; companheiras; camaradas do PCdoB que estão participando desta sessão em homenagem aos 85 anos de fundação do PCdoB, na verdade, a minha presença aqui é para que, em nome do Partido Socialista Brasileiro, possamos, com o PCdoB, relembrar lutas que tivemos juntos e reafirmar o nosso compromisso de continuar caminhando juntos.

O PSB, o PCdoB e os demais partidos do campo da Esquerda – o PT, o PDT – têm uma história em comum neste País que vem de muito tempo. Desde as fundações dos nossos partidos, militamos de forma coordenada, com o mesmo objetivo de mobilizar a sociedade brasileira em busca de dias melhores, de melhor qualidade de vida. Já passamos por muitas dificuldades.

O PCdoB, em especial, já passou por mais dificuldades ainda na hora em que se determinou a enfrentar o regime militar, a ditadura militar. As perdas que tivemos no Partido Comunista do Brasil foram inesquecíveis, mas acabaram fortalecendo o sentido da nossa luta.

Neste momento, nesta conjuntura, a nossa história junto com o PCdoB também tem sido permanente.

Na trajetória de luta das campanhas a partir de 1989, estivemos permanentemente juntos – em 1989, na primeira candidatura do Presidente Lula, com a famosa e histórica Frente Popular, e, depois, nas eleições seguintes. Só na penúltima eleição é que o PSB teve uma candidatura, no primeiro turno, à Presidência da República, mas, no segundo turno, estávamos juntos. Com a eleição do Presidente Lula, compusemos a base de sustentação parlamentar e a base de sustentação social do Governo.

Enfrentamos, no Governo passado, momentos de muitas dificuldades, e sempre debatendo com o PCdoB. Renildo Calheiros era o Líder na Câmara dos Deputados – Inácio Arruda também foi Líder naquela Casa. E nós, nos momentos de dificuldades, acompanhamos partidos que saíram da base e tomaram outro rumo, trilharam outro caminho, achando que estavam certos. Mas a trajetória que seguimos, de persistirmos na defesa do essencial e na defesa de um projeto popular para o País, demonstrou-se correta.

Estivemos juntos na primeira eleição do Presidente Aldo Rebelo para a Presidência da Câmara dos Deputados. Estivemos juntos logo após a renúncia do Deputado Severino Cavalcanti, presidente à época. Estamos juntos agora, na última eleição da Mesa da Câmara dos Deputados, onde o PSB reafirmou seu compromisso com o Deputado Aldo Rebelo, e caminhamos juntos. Está aqui o Deputado Aldo Rebelo, e aproveito para cumprimentá-lo. Eu estava aqui falando bem, novamente, de V. Ex<sup>a</sup>, como sempre faço.

Mas as lutas que nós travamos, Sr. Presidente, Senador Renan Calheiros, foram lutas que nos fortaleceram cada vez mais, e, na hora em que o PCdoB comemora 85 anos da sua organização, da sua fundação, nós, do Partido Socialista, queremos dizer que continuaremos juntos, caminhando, trilhando este caminho da defesa de um projeto popular e na construção de muitos projetos que ainda desenvolveremos em conjunto pelo País afora.

Muito obrigado e parabéns, Renato Rabelo. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao Senador Eduardo Suplicy.

O SR. EDUARDO SUPLICY (Bloco/PT – SP) – Excelentíssimo Sr. Presidente, Senador Renan Calheiros; caro Presidente do PCdoB, Renato Rabelo; meu querido companheiro da Câmara Municipal de São Paulo e do Congresso Nacional, Deputado Aldo Rebelo; meu caro Ministro Orlando Silva, do Esporte; querida Prefeita Luciana Santos, de Olinda; querido colega que hoje que tanto traz a história do PCdoB para o nosso cotidiano no Senado, Senador Inácio Arruda, proponente desta sessão de tamanho significado pelos 85 anos do Partido Comunista do Brasil.

Quero cumprimentar aquele que foi meu suplente aqui, Presidente do PCdoB em São Paulo, quando, à época o PT, com todo o meu entusiasmo, o escolheu para ser o meu suplente na legislatura passada, Walter Sorrentino; sua esposa, Nádia Campeão, que foi a nossa Secretária de Esportes no Governo de Marta Suplicy, em São Paulo. Graças ao seu empenho, destaque e contribuição, nós, PT, PCdoB e partidos coligados, a escolhemos candidata a vice-governadora, juntamente com o nosso candidato, Senador Aloizio Mercadante.

Quero também cumprimentar muitos parlamentares: a Deputada Vanessa Grazziotin, o Deputado Calheiros e a Deputada Manuela. Há poucos meses, estive num diálogo tão interessante em Cochabamba com a Deputada Manuela, ocasião em que a conheci mais de perto, e queria até muito agradecer de ela ter me enviado de presente, do Atitude Feminina, grupo de *rap*, o álbum *Rosas*, porque, segundo ela diz, me ouviu falar justamente do Homem na Estrada, do Mano Brown, que tanto aprecio, dos Racionais MC's. E ela recomenda aqui que eu sempre cante *Rosas*, do Atitude Feminina. Muito obrigado.

Eu quero lhes transmitir o quanto no PCdoB vejo um partido irmão. O Aldo conhece um pouco mais a minha própria história e sabe como acabei tendo afinidades com esse partido, para estar em lutas comuns, no nosso dia-a-dia, pela democracia, por igualdade, fraternidade, justiça e por aqueles objetivos maiores que fizeram com que há 85 anos tivessem João

Amazonas e tantos outros companheiros fundado esse partido, que esteve nas principais lutas pela democracia e pela liberdade no Brasil.

Eu gostaria de lhes dizer que já na minha adolescência comecei a me perguntar sobre as razões pelas quais havia tamanha desigualdade e pobreza no Brasil e se não poderia ser diferente.

E lá pelos meus vinte anos, em 1962, resolvi parar por um semestre os meus estudos na Escola de Administração de Empresas de São Paulo, dizendo a meu pai que eu gostaria muito de poder fazer uma viagem aos países da Europa Ocidental e Oriental para saber o que é, afinal, o socialismo, o marxismo e como se compara a organização das economias das sociedades do lado da Europa Ocidental, quando o Mercado Comum Europeu estava tendo grande desenvolvimento. Queria conhecer aquilo que se passava em países que eu visitei então: União Soviética, Polônia, Tchecoslováquia, Bulgária, Iugoslávia e Hungria – a China só fui conhecer em 1976, Cuba um pouco mais tarde. Mas o meu interesse era por saber se a forma de organização socialista poderia levar a sociedade a um bem-estar maior, a uma felicidade maior.

A conclusão a que eu cheguei é muito próxima daquela a que os companheiros do PCdoB chegaram: é que nós precisamos construir o nosso caminho, querida Prefeita Luciana Santos, por formas democráticas. Se for para construir o socialismo, que seja sempre respeitando os seres humanos e, sobretudo, sempre utilizando aqueles instrumentos que nos foram ensinados por pessoas como Mahatma Gandhi, Martin Luther King Jr.

E, por essa razão, acho importante aqui hoje fazer uma breve reflexão, Sr. Presidente Renan Calheiros, a respeito de um fato que surgiu como uma grande polêmica: a declaração da Ministra Matilde Ribeiro, que mencionou ontem para a BBC que a reação de um negro de não querer conviver com um branco ou não gostar de um branco é natural, embora não esteja incitando isso. “Não acho que seja uma coisa boa, mas é natural que aconteça, porque quem foi açoitado a vida inteira não tem obrigação de gostar de quem o açoitou”.

Ora, compreender isso é de grande importância, assim como é importante aquilo que está na própria reflexão da Ministra Matilde Ribeiro, quando deixa claro que o seu desejo, inclusive como Ministra da Igualdade Racial – um tema tão querido para o PCdoB – é algo no sentido do que eu gostaria de citar, porque acho que tem tanto a ver com as nossas afinidades: a da Ministra Matilde Ribeiro, a do PCdoB, a do PT e a de nós brasileiros. E esse sentimento está expresso de uma maneira muito especial no seguinte trecho das palavras de Martin Luther King Jr., quando, diante de 200 mil

peças ali, conclamava seu povo a não tomar do chá do gradualismo daqueles que recomendam esperar para que as coisas se transformem com o tempo, porque, se não fossem feitas as modificações de pronto, o seu país viveria novos verões abrasadores.

Então ele disse:

“Não vamos satisfazer nossa sede de liberdade bebendo do cálice da amargura e do ódio. Precisamos sempre conduzir nossa luta no plano alto da dignidade e da disciplina...”  
Todas as vezes e a cada vez nós precisamos alcançar as alturas majestosas de confrontar a força física com a força da alma.

E daí ele fala:

“A maravilhosa nova militância na qual se engajou a comunidade negra não pode nos levar a desconfiar de todo o povo branco, pois muitos de nossos irmãos brancos, como evidenciado por sua presença aqui hoje, vieram a perceber que o seu destino está inteiramente ligado ao nosso destino e vieram a perceber que a sua liberdade está inextricavelmente ligada à nossa liberdade. Esse ataque que nós compartilhamos montados para tomar de assalto as bastilhas da injustiça precisa ser carregado por um exército birracial. Nós não podemos andar sós.”

Dessa maneira, eu gostaria de aproveitar esta oportunidade de nós estarmos saudando o PCdoB para dizer à Ministra Matilde Ribeiro que o sentido maior de suas palavras é justamente fazer com que nós, brancos, negros e índios, pessoas de todas as raças, possamos efetivamente caminhar juntos na luta por igualdade, por democracia, por liberdade e por fraternidade.

Parabéns ao PCdoB!

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao Senador Sibá Machado.

Senador, V. Ex<sup>a</sup> dispõe de até cinco minutos para a sua intervenção.

O SR. SIBÁ MACHADO (Bloco/PT – AC) – Sr. Presidente, Senador Renan Calheiros; Sr. Presidente do PCdoB, Renato Rabelo; nosso querido Deputado Federal Aldo Rebelo; Senador da República Inácio Arruda; nosso Ministro de Estado Orlando Silva; Prefeita de Olinda, Luciana Santos, quero saudar todos os amigos e companheiros do PCdoB na pessoa de Perpétua Almeida, Deputada Federal do Estado do Acre pelo PCdoB.

Sr. Presidente, a reflexão, muito simples, que eu queria fazer é baseada nesta frase final do Senador Eduardo Suplicy. O sepultamento, digamos assim, do sistema feudal e o surgimento do sistema capitalista se deu sob a bandeira da liberdade, da igualdade e da fraternidade. Parecia que o mundo tinha encontrado a sua redenção, a superação total de suas mazelas, de suas desigualdades.

Quem sou eu para falar aqui da história do PCdoB, Sr. Presidente, mas posso dizer que admiro muito o Partido, porque faz parte da história recente do nosso Brasil. O que pensavam aqueles que estavam naquele Congresso no dia 25 de março de 1922? Hoje nós estamos aqui, neste momento, em março de 2007, 85 anos depois. E sabemos dos percalços por que a democracia brasileira passou nesse período até o momento atual.

Sr. Presidente, o Presidente do Brasil àquela época, Arthur Bernardes, tratava o Movimento Social Brasileiro como um caso de polícia. O PCdoB já nasce, então, no momento em que a “pata do cavalo” era o remédio utilizado para frear os interesses da sociedade em querer participar.

Tivemos o Estado Novo: Getúlio Vargas. E atualmente conheço dois Getúlios Vargas: aquele que se acredita ter sido um visionário para a industrialização do Brasil e aquele que cerceou brutalmente a democracia nacional, que entregou Olga Benário ao Governo alemão para ser morta nas câmaras de gás na Alemanha e que deixou preso numa solitária, por tanto tempo, Carlos Prestes, grande líder da Coluna – 25 mil quilômetros percorridos.

Carlos Prestes foi o primeiro senador, muito bem votado naquela época, que não teve direito de exercitar o seu mandato porque o Presidente Eurico Gaspar Dutra cerceou o direito do PCdoB a continuar existindo legalmente. Também cassou o mandato de Carlos Prestes como o de todos os demais parlamentares eleitos no ano de 1946.

Com a tentativa de convívio na liberdade, muito curta, veio a ditadura nos anos 60, que durou até 1984. Portanto, comparo o PCdoB com o poraquê, da nossa Amazônia, Senador, que tem de vir à tona de vez em quando para tentar respirar. E o PCdoB, na História do Brasil, só pôde respirar de verdade em 1985, quando o então Presidente José Sarney deu a legalidade definitiva ao Partido.

Houve o episódio da Guerrilha do Araguaia. O cerceamento democrático não permitia que o partido alcançasse a legalidade e disputasse por dentro das estruturas oficiais do Estado, promovendo a Guerrilha do Araguaia. Em homenagem a este momento, citamos Maurício Grabois.

Tivemos o Massacre da Lapa. Queremos saudar aqui o nome de Pedro Pomar. Pelas Diretas Já, queremos saudar João Amazonas, pois conseguimos isso somente em 1989. Saúdo a todos vocês pela Frente Brasil Popular, que elegeu Lula candidato do Brasil e que foi a segundo turno. Pela Constituinte de 1988 e pela experiência que vivemos no Estado do Acre, quero reportar-me à atualidade. (*Palmas.*)

O PCdoB, no Acre, e o PT estão juntos, desde 1989, Sr. Presidente, e esta aliança jamais se separou.

Nós criamos lá a Frente Popular do Acre, juntamente com o Partido Socialista Brasileiro, o PV, e tantos outros partidos. Dos 17 partidos com presença oficial no Estado do Acre, nós temos uma aliança que já chegou a 12. Atualmente nós temos 11. E temos os resultados da nossa aliança, juntamente com Jorge Viana, que teve dois mandatos de Governador.

Tiramos o Acre da situação de medo e de terror em que era carcomida pelo Hildebrando Pascoal, pelo medo que ele impunha à nossa comunidade. Agradeço aqui à CPI do Narcotráfico, que o pôs na cadeia. Foi uma brava atitude do Congresso Nacional.

Quero ainda, Sr. Presidente, dizer que neste período nós conseguimos atingir o melhor piso salarial do servidor público da nossa região e um dos mais altos do Brasil; rompemos a dificuldade da dependência financeira com o Erário; colocamos o nosso Estado em outro patamar de respeito, porque o Acre, como consta até do *Dicionário Aurélio*, ir para o Acre é sinal de morte. Está escrito no *Aurélio*: morte significa, entre os vários objetivos, ir para o Acre. Isso vai ter de ser tirado. Conseguimos chegar aonde chegamos, Sr. Presidente, com muita dificuldade. E aqui existe a marca, a digital e o DNA do Partido Comunista do Brasil. (*Palmas.*)

Nós temos a Presidência da Assembléia Legislativa atual exercida pelo Edvaldo Magalhães, um dos líderes do Partido Comunista do nosso Estado, eleito por unanimidade por todos os parlamentares. Todos os parlamentares do Estado, à unanimidade – foram 24 votos a 0 –, votaram favoravelmente a Edvaldo. Esse fato mostra a grandeza da construção dessas lideranças e a seriedade com que encampam a responsabilidade para com o ambiente social brasileiro.

Portanto, Sr. Presidente, estamos agora a contabilizar coisas maravilhosas. Temos um Brasil a enfrentar. V. Ex<sup>a</sup> participa de um partido que nos ajuda a governar, que nos dá governabilidade, porque não é simples o histórico da democracia brasileira. A Constituição de 1824, de D. Pedro I, não deixava as pessoas simples sequer serem eleitoras, muito menos se candidatarem a um posto público. Hoje, há um operário metalúrgico na

Presidência da República, com o aporte também do partido de V. Ex<sup>a</sup>, que nos ajuda a dar essa governabilidade.

Para encerrar definitivamente, quero revelar ao Deputado Aldo Rebelo que, no começo da disputa à Presidência da Câmara dos Deputados, conversei com o meu partido no Estado do Acre, do qual sou Presidente, pois acreditava que V. Ex<sup>a</sup>, Deputado, deveria ser conduzido à Presidência daquela Casa até mesmo pela simbologia que isso representa, pelo histórico da Esquerda brasileira. O Presidente da Câmara dos Deputados deveria ser do Partido Comunista do Brasil, pois também V. Ex<sup>as</sup> ajudaram o Presidente Lula a se eleger, por duas vezes, Presidente da República Federativa do Brasil. (*Palmas.*)

Sr. Presidente, trabalho assim. Creio que a partilha do poder é a simbologia da nossa continuidade, porque as nossas diferenças, por mais altas que sejam, são pequenas demais diante dos desafios que o Brasil tem pela frente.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Concedo a palavra, com satisfação, à Senadora Ideli Salvatti.

A SRA. IDELI SALVATTI (Bloco/PT – SC) – Sr. Presidente, as camaradas que compõem esta Mesa constituem uma das maiores concentrações na estatura de poder. Então, cumprimento, com muito carinho, o sempre querido Deputado Aldo Rebelo, nosso parceiro de muitas lutas e que está aqui em nome do comitê central; nosso Senador Inácio Arruda, que tem sido um brilhante parceiro; o nosso Ministro Orlando Silva, com quem, em conjunto, temos a comemorar algumas realizações à frente do Ministério dos Esportes – inclusive em Santa Catarina, com grande repercussão. Saúdo ainda a querida Luciana, que me brindou ao vir de Olinda para ajudar-me na campanha para o Senado – o apoio do PCdoB e a presença da Luciana representam uma parcela dos votos –, e todos os que estão aqui nesta sessão.

Comemorar 85 anos de existência partidária não é para qualquer um. Decididamente, não é para qualquer um, porque a estrutura partidária do Brasil não contribui para que tenhamos uma solidez e uma existência de tanto tempo como o PCdoB tem, acumulou, conquistou no cenário político-partidário brasileiro. E o interessante, ainda para tornar esses 85 anos mais valorosos, é que não foram 85 anos de amém, não foram 85 anos remando a favor da maré. A maior parte desses 85 anos foi remando contra a maré, na clandestinidade, nas lutas e nos enfrentamentos num País, num Estado que tem características fortíssimas de patrimonialismo e onde a propriedade não tem – apesar de estar na Constituição, caráter social – não

é assim que ela é usada no nosso cotidiano. Infelizmente, houve algumas revoluções, mas ainda estamos longe de poder dizer que a propriedade no Brasil tem caráter social. Então, isso num Estado, num País que tem esse viés patrimonialista, machista, racista.

Hoje achei estranho, pois um jornalista estava fazendo conta de quanto alguém teria ter de idade para ter levado relho nas costas, como escravo. Como se a abolição da escravatura tivesse eliminado a discriminação que sofrem os afrodescendentes em nosso País – sabemos quanto a população afrodescendente sofreu e continua sofrendo por não ser reconhecida como parcela importante, significativa da construção do nosso País.

Então, um Estado que é patrimonialista, machista, racista tem um partido que consegue, durante 85 anos, remar contra essa maré, contra essa visão do Estado, da sociedade, da discriminação, da violência. E o mais interessante ainda é que é um partido jovem, tão jovem, Aldo Rebelo, tão jovem que não consegui filiar minha filha ao PT, mas vocês conseguiram filia-la ao PCdoB. (*Palmas.*)

Vocês passam uma grande empolgação, por meio da militância, da atuação marcante do PCdoB, de remar, de se indispor, de ser aguerrido, de ser combativo e de ter acumulado, ao longo desses 85 anos, esse reconhecimento de ser um partido que tem princípios, que os pratica e pelos quais é reconhecido.

Então, 85 anos sendo comunista, e do Brasil, volto a dizer, não é para qualquer um. É para os camaradas do PCdoB, que estão comemorando esta data com muito orgulho, pois já passaram por muitas lutas contra a ditadura, pela democratização, pela construção do nosso projeto que hoje está encabeçado pelo Presidente Lula, nas parcerias, inclusive na composição, na presença do Ministro Agnelo, do Aldo, no período em que foi ministro, enquanto presidiu a Câmara dos Deputados, agora com o Orlando, com os parlamentares, com o Quintanilha, durante um período. E agora se mantém o PCdoB aqui na composição do Senado, que é muito rica.

Quero deixar aqui esta mensagem de muito carinho, de muito respeito e de muita solidariedade que nós temos para com todos os camaradas do PCdoB.

Por último, quero apenas deixar aqui um registro e acho que todos os companheiros, companheiras, camaradas vão entender o que eu vou dizer: o meu beijo no coração do Murad, que foi heróico na parceria do que nós enfrentamos em algumas batalhas no ano passado, aqui no Congresso Nacional. (*Palmas.*)

Um beijo grande.



O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao Senador Cristovam Buarque. Antes, gostaria de destacar aqui entre nós, neste momento em que prestamos esta justíssima homenagem ao PCdoB, a presença do artista Netinho, que é um grande artista, um grande ídolo, um dos ícones da nossa arte, da nossa música, da nossa cultura. Muito obrigado pela sua presença. (*Palmas.*)

Com a palavra o Senador Cristovam Buarque.

O SR. CRISTOVAM BUARQUE (PDT – DF) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, permita-me cumprimentar toda a Mesa na pessoa da única mulher que a compõe, a Prefeita de Olinda, quase a minha cidade de Recife.

Eu vim aqui agradecer. Vim agradecer o que o PCdoB representou na minha formação e, eu diria, na formação daqueles de minha geração que se consideram ainda homens e mulheres de esquerda.

Não tenho a menor dúvida de que, sem os debates regulares e sistemáticos lá em Recife, com militantes do PCdoB, com militantes da AP – que ainda não era PCdoB do ponto de vista de sigla, mas sim do ponto de vista de sonhos comuns –, eu não teria evoluído no sentido de entender a lógica de como o processo avança na sociedade, não teria talvez aumentado a indignação que já tinha de formações outras, inclusive católicas e familiares, não teria talvez levado a rigor a militância política que mantenho até hoje. Vim aqui agradecer a vocês.

Mas não vim só agradecer. Vim olhar o futuro. A Senadora Ideli Salvatti falou dos 85 anos. De fato, ser um partido de esquerda por 85 anos no caos – primeiro, partidário brasileiro, em que as legislações mudam a cada instante; no caos político brasileiro, em que golpes de Estado impedem formações políticas; e também no caos ideológico do mundo de hoje – é um mérito muito grande. Mas vocês não têm direito de comemorar os 85 anos sem olhar os próximos 85.

Estão querendo dizer que morreram utopia e revolução. E é capaz de terem morrido na cabeça e no coração da maioria dos militantes de esquerda. A perplexidade e o acomodamento enterram a utopia e a revolução. Não podemos ter o direito de deixar que a perplexidade e o acomodamento nos escondam, nos encubrem, nos silenciem. Poucos grupos políticos vão ter condições de dar o salto além da perplexidade teórica e além do acomodamento político. Vocês fazem parte de um desses grupos.

É claro que, quando falo em sair da perplexidade, não defendo voltar às utopias do passado. Mudou o mundo! Os que escreveram as utopias lá atrás, falando do futuro, certamente as escreveriam diferente. Mudou

também aquilo que é a revolução. Aqueles que defendiam que a revolução era a tomada do poder e a estatização dos meios de produção certamente não escreveriam isso hoje, num tempo de globalização, em que fechar as fronteiras é impossível, assim como é impossível, da parte do Estado, decidir o que se quer para a sociedade.

Mas, se morreram aquelas utopias e aquelas formas de fazer revolução, os conceitos revolução e utopia têm de estar vivos. E eu gostaria de ver, daqui a 85 anos, no 170º aniversário do PCdoB, alguém como eu vindo aqui dizer que deve a vocês novos sonhos, novas formas de fazer a revolução de que o povo brasileiro precisa. Gostaria que não viessem no 170º aniversário apenas lembrar o passado. E gostaria que não se dissesse: nos últimos 85 anos, eles não fizeram a atualização do conceito e a radicalização do processo.

Eu vim aqui agradecer e cobrar: vocês têm obrigação de ajudar os jovens brasileiros não apenas a militar, ou ter aparência de militância, mas a romper com a perplexidade e o acomodamento que tomou conta das esquerdas do mundo de hoje.

É possível, sim, sonhar com utopia e com revolução. É possível, sim, ir além daquela juventude do meu tempo, em que a revolução era dada, e a utopia era desenhada antes da gente. É hora não só de fazer, mas de desenhá-las. Vocês têm a obrigação de ajudar o povo brasileiro a sair da perplexidade e do acomodamento em que estamos. E, do mesmo jeito que agradei ao passado, deixo aqui minha palavra de esperança no futuro que vocês ajudarão a construir. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Concedo a palavra ao Senador Mão Santa.

V. Exª dispõe de até cinco minutos.

O SR. MÃO SANTA (PMDB – PI) – Sr. Presidente Renan, eu peço permissão, diante de tantas lideranças, homens e mulheres, para saudar, por amizade e por gratidão, esse extraordinário Senador: Inácio Arruda. Saúdo também as brasileiras e os brasileiros aqui presentes ou que nos assistem pelo sistema de comunicação da Casa.

Senador Renan, V. Exª é muito novo. Eu nasci em 1942, na guerra, e o PCdoB, antes. Olha, há um respeito. Paradigma são as coisas em que se acreditava e que mudam. Olha, Sibá, você não tinha nascido, mas esse negócio de comunista, eles sofreram. Eu comentava ali – Gilvam Borges também é novo – com Jefferson Péres que diziam até que eles comiam criancinhas. E cresci assim, apavorado, ouvindo que comunista come criancinha. Mas isso é o paradigma.

Depois eu fui vendo e entendendo as coisas. Saí do meu Piauí, fui estudar lá no Ceará, do Inácio Arruda, e vi que era diferente; vi um advogado que nasceu no Piauí e foi para lá, Aldy Mentor, defender os pobres, os oprimidos, os estudantes, com vestibulares fraudados em benefício de privilegiados. Aldy Mentor! E aí fiz a faculdade, sonhando, gastando o melhor da nossa mocidade para buscar ciência para, com ciência e consciência, servir ao meu Piauí. E vi que era diferente...

Veio a ditadura. Prenderam os melhores professores e diziam que eram comunistas. José Serra, professor de Fisiologia; Alencar e Aragão. O maior cientista, o melhor livro de Parasitologia da época era do professor Samuel Pessoa. Capítulos e capítulos escritos por Alencar e Aragão. Serra era professor de Fisiologia; eu, monitor, no quarto ano. Olha, ele desapareceu. Ô homem correto! Ele devia ler Marx, Engels, Lênin... Mas eu era ligado a ele, e me deu uma oportunidade muito grande. Tiraram-no de Anatomia; eu era o monitor mais velho e passei a dar aula de Fisiologia, a fazer prova, por necessidade.

Mas aí eu encontrei um líder. Olha, ele não era da minha turma, mas era um líder: Valton Leitão – o Inácio conhece. Ele ficou na minha turma porque o prenderam. Passou um ano preso. Fizemos quarenta anos de formados. Ele não tem visão; foi perdendo aos poucos. Foi preso porque tinha ido buscar tratamento na Rússia, mas era bom caráter, um líder. Foi o fundador do PCdoB. Aprendi muito com ele. Apesar de não ter visão, era um homem de uma visão política... Foi ele quem criou o PCdoB.

A gratidão é a mãe de todas as virtudes. Minha mãe, da Ordem Terceira Franciscana, me ensinou isso. Sou agradecido. Estou aqui pelo PCdoB. A primeira vez que fui governador do Estado do Piauí, tive o apoio desse partido. Governamos juntos. Da segunda vez que governei, fui buscar um companheiro de chapa. Fui o primeiro a colocá-lo. E ele assumiu várias vezes o Governo do Estado. O Piauí ficou orgulhoso disso, assim como o Brasil se orgulhou quando Aldo Rebelo assumiu algumas vezes a Presidência da República. Fomos os primeiros a acreditar em um líder comunista e a entregar-lhe o Governo de um Estado. (*Palmas.*)

Queria concluir dizendo que, lá no Piauí, recebi o apoio deles na primeira eleição para o Governo e na segunda. Vivemos, com Arruda, momentos de glória e momentos de adversidade, mas o Arruda simbolizava aquele.

E queria terminar justamente dizendo que lá no Piauí existe um líder que me faz lembrar aquele filme *O Grande Ditador*, de Charles Chaplin: é o João Cláudio Moreno, um líder do PCdoB. É vereador porque quis ser, quis ficar lá, porque, se ele quiser, pode ser senador, governador, prefeito e tudo. Ele é, assim, um Charles Chaplin.

Eu terminaria aqui, já que o Renan está ali – e conheci o seu irmão, companheiro, irmão camarada do PCdoB; mais cabeludo, mas esse aqui é mais oxigenado. Ô homem sabido! Eu terminaria, Renan, citando aquele que é o símbolo da nossa geração. E com gratidão, porque estou aqui no Senado também apoiado pelo PCdoB; talvez, se não tivesse o apoio, eu não estaria aqui. Mas queria dizer o seguinte: o símbolo da minha geração, médico como eu, sem dúvida nenhuma foi Che Guevara. Todos nós o conhecemos, assistimos ao filme, lemos os livros, mas há uma frase que mais me toca e quero fazer minhas as palavras dele. Ele disse: “Se és capaz de tremer de indignação diante de uma injustiça (...), és companheiro”. E os companheiros estão no PCdoB do Brasil. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao Senador José Nery, último orador inscrito.

O SR. JOSÉ NERY (PSOL – PA) – Sr. Presidente, Senador Renan Calheiros, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ilustres representantes do Partido Comunista do Brasil, saúdo o PCdoB no momento em que o Senado Federal, atendendo o requerimento do Senador Inácio Arruda, realiza esta sessão solene em homenagem aos 85 anos do Partido Comunista do Brasil.

Venho a esta tribuna para homenagear o PCdoB porque, ao longo de sua história, podemos dizer com a mais absoluta certeza, ele tem honrado as maiores e melhores tradições de luta democrática e popular do nosso País.

É impossível falarmos das lutas pelas liberdades democráticas sem acrescentar, sem registrar a importância do Partido Comunista do Brasil na luta dos trabalhadores e dos explorados em nosso País, como a luta pelos direitos dos trabalhadores e pela reforma agrária, bandeira pela qual o partido tem-se notabilizado ao longo da sua trajetória.

Com certeza, toda a consciência democrática do nosso País, quem conhece a História do nosso País, no dia de hoje, associa-se ao Senado da República nesta justa homenagem aos companheiros e companheiras que, ao longo de 85 anos, ousaram manter erguida a bandeira da política como instrumento de mudança da vida das pessoas, a bandeira da luta permanente contra a exploração e contra a violência.

Portanto, saudamos o Partido Comunista do Brasil na pessoa do seu Presidente, o Presidente do Comitê Central, do Diretório Nacional, Sr. Renato Rabelo, assim como saudamos toda a bancada do PCdoB na Câmara dos Deputados, nas Assembléias Legislativas e nas Câmaras Municipais. Enfim, saudamos todos os parlamentares do PCdoB na pessoa do Deputado Aldo Rebelo. Saudando os que exercem funções públicas na administra-

ção de cidades importantes, homenageamos aqui a Prefeita de Olinda, Sr<sup>a</sup> Luciana Santos, e o Ministro dos Esportes, Orlando Silva.

Homenageamos também os milhares de militantes e dirigentes municipais e estaduais do partido nos diversos estados do País, que constroem, no dia-a-dia, na luta concreta, a possibilidade do sonho de uma sociedade diferente, porque esse é o sonho do PCdoB e é o sonho de todos nós que queremos um Brasil mais justo.

Ao citar as lideranças que hoje dirigem o partido de forma tão brilhante, quero lembrar os que, no Estado do Pará, têm mantido, de forma muito conseqüente, a luta pela construção dos princípios que orientam o Partido Comunista no Brasil, fazendo especial referência ao ex-Deputado Paulo Fonteles, símbolo da luta pela reforma agrária no Estado do Pará e na Amazônia, que teve sua vida ceifada pelas balas do latifúndio, à Dona Cordolina Fonteles, uma mulher de fibra que, ao longo de muitos anos, dedicou a sua vida à causa da luta socialista. (*Palmas.*)

Homenageio também os que permanecem mantendo bem viva essa bandeira, entre os quais, das tantas e honradas lideranças do PCdoB no meu Estado, está a ex-Deputada Federal Socorro Gomes, hoje Secretária de Justiça e Direitos Humanos no Estado do Pará. (*Palmas.*)

Mas nesta homenagem ao PCdoB, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> Senadoras, Srs. Senadores, ilustres convidados, não podemos deixar de registrar aquilo que consideramos um dos exemplos mais marcantes de dedicação e de empenho pela construção de uma sociedade socialista no nosso País, o exemplo daquela verdadeira epopéia histórica revolucionária que foi a Guerrilha do Araguaia. (*Palmas.*)

Homenageamos, Sr. Presidente, aquele grupo que a nossa história não pode esquecer, pelo seu compromisso levado à radicalidade no maior dos exemplos que o revolucionário pode fazer, que é entregar a própria vida em nome da causa revolucionária, em defesa dos direitos do nosso povo.

Quero prestar homenagem aos 73 integrantes que compuseram o exército popular naqueles tempos difíceis da ditadura, fazendo especial menção a duas figuras que tiveram papel importante naquele momento histórico, naquela experiência histórica: Osvaldão e Dina, líderes inconteste daquele movimento tão importante na nossa história. Eles não queriam nada além daquilo que continuamos querendo: justiça, democracia, liberdade e garantia dos direitos básicos da cidadania, que são o direito à terra, ao trabalho e ao emprego. Enfim, a todas as condições de dignidade a que um ser humano faz jus. (*Palmas.*)

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, é justo perguntar ao Estado brasileiro onde estão os mortos do Araguaia, que não tiveram o direito de serem sepultados. Eles, sim, são filhos do povo e heróis da Pátria, porque entregaram suas próprias vidas combatendo pela liberdade do povo explorado, do povo brasileiro. Para se completar a democracia em nosso País, em relação a essa quadra histórica que estamos vivenciando, pós-regime militar de 1964, faz-se necessário o mais absoluto esclarecimento das condições em que aqueles brasileiros tiveram suas vidas ceifadas e por que até hoje os corpos não foram entregues às suas famílias.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, no próximo dia 1º de abril completam-se 43 anos do Golpe de 64. Não há um partido ou uma organização que mais tenha sofrido os ataques e a violência do poder instituído pelo regime de exceção de 64 do que o PCdoB.

Portanto, hoje, neste momento em que comemoramos 85 anos da história brilhante, honrada, digna do Partido Comunista do Brasil, quero trazer a minha palavra e a palavra do Partido Socialismo e Liberdade, PSOL, de solidariedade, alegria e celebração, mas também de memória dos que tombaram em nome das causas que hoje os que sobreviveram continuam defendendo, com o ardoroso convencimento de que é preciso trabalhar e lutar pelo sonho daqueles que tiveram sua vida ceifada ao longo da nossa história se concretize, e o PCdoB, enquanto organização política, foi uma das maiores vítimas da violência do sistema instituído.

Quero dizer aos senhores e às senhoras que nós todos nos irmanamos a essa história brilhante e dizer que o mesmo sonho de uma sociedade justa e igualitária pela qual o PCdoB sempre combateu permanece muito atual, porque a barbárie que o sistema capitalista nos impõe exige dos socialistas, dos comunistas, dos que abraçam a causa da liberdade a afirmação de que o sonho continua e a luta continua junto para transformar o Brasil num país mais justo e democrático, pois esse é o nosso sonho, essa é a nossa luta.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao Senador Tasso Jereissati, Presidente Nacional do PSDB.

V. Ex<sup>a</sup> dispõe de até cinco minutos.

O SR. TASSO JEREISSATI (PSDB – CE) – Sr. Presidente; Sr. Renato Rabelo, Presidente do Partido; Ministro Orlando Silva; saúdo a nossa Deputada, o meu querido amigo Aldo Rebelo, ex-Presidente da Câmara Federal; o nosso companheiro de bancada do Estado do Ceará, Inácio Arru-

da. Faço uma especial saudação, afora todos os militantes e integrantes, aos deputados, senadores e vereadores que eventualmente estejam aqui presentes, à delegação cearense. Vejo ali o Patinhas, que já perturbou muito a minha vida lá pelo Ceará. (*Palmas.*)

Saúdo o Deputado Lula Moraes, aqui presente. Estou vendo também a Dona Terezinha. Saúdo a delegação cearense, que vejo aqui agora. Saúdo, em nome de todos esses, a história importante e, mais do que isso, a história digna deste partido. O PCdoB tem, nos últimos anos, na História recente deste País, uma luta dedicada principalmente às causas sociais do nosso povo, levantando sempre a bandeira daqueles mais carentes e mais necessitados, fazendo da sua militância uma verdadeira religião, uma verdadeira profissão de fé na luta por essa faixa da população mais carente. E o fez sempre com muita dignidade.

É um partido do qual discordei ideologicamente em toda a minha vida política, apesar de já ter sido apoiado pelo PCdoB em candidatura minha ao Governo do Estado. Mas eu não posso deixar de reconhecer não só a integridade, a legitimidade e a grandeza deste partido, que, participando de todos os momentos importantes da recente História nacional, deixa a marca de gente séria, honesta e comprometida com os seus ideais, fazendo com que se torne realmente um dos partidos mais importantes da recente história do nosso País.

Portanto, aproveito esta oportunidade para, falando não somente em meu nome, mas também como Presidente Nacional do PSDB, do Partido da Social Democracia Brasileira, parabenizar o PCdoB pela sua vida, pela sua luta, pelas suas histórias, pelos seus militantes, pelo sacrifício que determinada geração teve de desempenhar, alguns com a própria vida, durante um período negro, duro, da História nacional. Quando a ditadura e o autoritarismo imperavam neste País, o PCdoB teve, realmente, um papel histórico, heróico que ninguém pode negar. Fica, portanto, aqui, o nosso regozijo a esta data que este partido tão importante comemora.

Presidente Renan Calheiros, o Senador Marconi Perillo pede um aparte. Posso conceder? (*Pausa.*)

Pois não, tem V. Ex<sup>a</sup> o aparte, Senador Marconi Perillo.

O Sr. Marconi Perillo (PSDB – GO) – Agradeço ao ilustre Senador Tasso Jereissati pelo aparte que me concede; cumprimento o Presidente Renan Calheiros, o Senador Inácio Arruda, autor do requerimento para esta sessão solene; o Dr. Renato Rabelo, Presidente Nacional do PCdoB, sucessor de João Amazonas; e Aldo Rebelo, ex-Presidente da Câmara dos Deputados, uma das figuras mais queridas deste País. Sr<sup>as</sup> e Srs. Senado-

res, convidados, prezado Senador Tasso Jereissati, quero apenas cumprimentá-lo pela lucidez do pronunciamento, ao reconhecer a importância do PCdoB para a democracia, na luta pelas liberdades, pela anistia, pela redemocratização do País. Tenho mais de 25 anos de relacionamento com o PCdoB. Tive a satisfação de participar de movimentos da Viração, um braço do movimento estudantil ligado ao PCdoB. Nos tempos em que estudava Ciências Sociais na Universidade Federal de Goiás, no início de 1981, começava minha relação com o PCdoB. E essa relação sempre foi de confiança, de respeito, sobretudo por compreender a importância histórica do PCdoB para o Brasil – PCdoB da Guerrilha do Araguaia, PCdoB da luta pelo petróleo, da luta pelos direitos da sociedade, pelos direitos humanos. Depois, já como governador do Estado, antes como deputado estadual e como deputado federal, tive uma relação muito próxima com parlamentares do PCdoB. Como governador, tive a honra de ter como Secretário de Ciência e Tecnologia do meu primeiro Governo um militante do PCdoB e, posteriormente, Secretário de Meio Ambiente, Aldo Arantes, que é uma das figuras mais respeitadas do comunismo no Brasil. De modo, Senador Tasso Jereissati, que eu não poderia deixar de apartear-lo, primeiro porque V. Ex<sup>a</sup>, como homem de alto espírito público, um dos grandes democratas do País, faz um reconhecimento verdadeiro e sincero à luta deste partido. Associe-me a V. Ex<sup>a</sup>, como Presidente Nacional do meu partido, porque compartilho com V. Ex<sup>a</sup> de todas as suas convicções e reflexões a respeito do PCdoB. Parabéns ao PCdoB! Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>. (*Palmas.*)

O SR. TASSO JEREISSATI (PSDB – CE) – Muito obrigado, Senador Marconi Perillo. A intervenção de V. Ex<sup>a</sup> veio reforçar e abrihntar este cumprimento que fazemos em nome do PSDB ao PCdoB, em aniversário, e a luta e a história do Partido Comunista do Brasil.

Meus parabéns e que tenha longa vida este grande partido. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Concedo a palavra ao Senador Marcelo Crivella.

O SR. MARCELO CRIVELLA (Bloco/PRB – RJ) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, quero saudar o Senador Inácio Arruda, grande Líder do PCdoB nesta Casa; o Sr. Renato Rabelo, Presidente do partido; e o meu querido amigo Deputado Aldo Rebelo, de tantas jornadas, de tantas lutas, de tantas conversas. É um prazer enorme vê-lo aqui. Parabéns pelos 85 anos do seu partido. Cumprimento também todos os presentes. Um especial abraço a Netinho. É um prazer enorme vê-lo aqui, Netinho.

Eu não poderia deixar de saudar, em nome do PRB, o Partido Comunista do Brasil. Alguns dirão: “Mas o senhor é cristão, o senhor é um



homem da Bíblia, o senhor é um homem do Evangelho”, mas não há cartilha alguma mais comunista do que o Evangelho.

Neste Brasil tão concentrado, o alumínio, seja de uma latinha de Coca-Cola, seja da carroceria de um caminhão, pertence a duas empresas; todo o papel do nosso País, seja o do meu discurso, que não vou ler, seja o de um jornal, de uma revista, de uma embalagem, de uma cartolina, do que for, pertence a empresas como Aracruz, Suzano. Se formos falar aqui de telecomunicações, de meios de comunicação de massa, se formos falar em mineração, em propriedades rurais, perceberemos, Sr. Presidente, o trabalho histórico e monumental que o PCdoB tem a realizar nesta Nação.

Traz este partido, na militância e no coração de cada um de seus membros, o dividir, o repartir, o combate às desigualdades e a luta por um Brasil mais justo.

Agora, Sr. Presidente, estamos no advento do etanol e não queremos que essa grande riqueza brasileira já do século XVI, a cana-de-açúcar, traga de volta o latifúndio, os coronéis e escravize mais uma vez os bóias-frias, dando a eles o trabalho e não o acesso à riqueza.

Sr. Presidente, V. Ex<sup>a</sup> generosamente me concedeu três minutos, e eu não quero estender-me mais do que esse prazo. Mas trago aqui uma saudação de quem, no confronto das idéias, admira a militância deste partido, guerreiro, verdadeiro, que luta por suas causas com tanta dignidade, cujos líderes, sempre na minoria, jamais deixaram de ter suas bandeiras erguidas e o respeito do povo brasileiro.

Parabéns ao Partido Comunista do Brasil!

Muito obrigado, Sr. Presidente. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Ex<sup>mo</sup> Sr. Renato Rabelo, Presidente Nacional do PCdoB; Ex<sup>mo</sup> Deputado Aldo Rebelo, querido amigo, ex-Presidente da Câmara dos Deputados; Senador Inácio Arruda, Ex<sup>mo</sup> representante do Estado do Ceará nesta Casa do Congresso Nacional; Ex<sup>mo</sup> Sr. Ministro Orlando Silva, que relevantes serviços tem prestado ao esporte nacional; Prefeita Luciana Santos, de Olinda; Ex<sup>mos</sup> Srs. Deputados Federais, Ex<sup>mas</sup> Sr<sup>as</sup> Deputadas Federais, Vanessa Grazziotin, Aldo Rebelo – já mencionado –, Manuela D´Ávila, Renildo Calheiros, Líder do PCdoB na Câmara dos Deputados, Alice Portugal, Evandro Milhomen, Perpétua Almeida, Chico Lopes, Jô Moraes, Jamil Murad; Ex<sup>mos</sup> Srs. Deputados Estaduais aqui presentes, Eron Bezerra, Lula Morais, Edvaldo Nogueira, querido amigo, Prefeito de Aracaju – que tem origem comum a muitos de nós aqui presentes, alagoano de Pão de Açúcar, lembra-me aqui o querido Senador Inácio Arruda –, Vereadora Olívia Santana, Vereador

Marcelo Malta, senhoras e senhores, primeiramente, em poucas palavras, eu gostaria de mencionar a minha satisfação de, como Presidente do Senado Federal, estar participando deste ato comemorativo dos 85 anos da fundação do Partido Comunista do Brasil.

Pessoalmente, é com carinho todo especial que tomo parte deste ato.

Sempre, como todos sabem – eu nunca fiz segredo, pelo contrário, sempre fiz questão de ressaltar, de destacar –, nutri muito respeito, muita simpatia pelo Partido Comunista do Brasil.

Preservamos, ao longo dos anos, um diálogo permanente nas grandes questões nacionais.

Do partido, recebi influência na minha formação ética e política, desde os tempos em que fui dirigente estudantil no meu querido Estado de Alagoas.

Falar da História do Brasil, no século XX, sem falar na história do PCdoB é praticamente impossível. Em todos os momentos de relevo, lá estava o PCdoB cerrando fileiras em prol da democratização, da justiça social e apresentando a todos as melhores saídas, os melhores caminhos, os melhores ensinamentos.

As origens do partido remontam à década de 20, como aqui foi dito por muitos, e se inserem num contexto de profunda efervescência política e cultural. Coube a Getúlio Vargas, com a Revolução de 1930, positivar esses direitos, concedidos muito mais pelas pressões exercidas pelas forças progressistas do que pela vontade das elites.

O PCdoB seguiu atuando em diversos movimentos sociais e políticos. Contudo, em 1937, com a decretação do Estado Novo, o partido foi posto novamente na ilegalidade. Sendo duramente perseguido, o partido só retornou à cena política nacional com a redemocratização do País, em 1945. Nessa ocasião, recebeu 10% dos votos dos eleitores inscritos nas eleições.

Em 1950, participou da vitoriosa campanha “O Petróleo é Nosso”, cujos resultados ainda hoje se fazem sentir com pujança econômica do Brasil e da Petrobras.

Em 1964, novamente mergulhamos nos anos de chumbo – e o PCdoB, mais uma vez, foi colocado na ilegalidade. Vinte anos depois, em 1984, ainda na clandestinidade, participou ativamente da campanha das Diretas Já, apoiando a eleição de Tancredo Neves e de José Sarney para a Presidência e Vice-Presidência da República, respectivamente.

Em 1985, finalmente, retorna à legalidade com uma histórica participação do Presidente José Sarney, insubstituível mesmo. Nas eleições que

se seguiram, elegeu o PCdoB cinco deputados para a Assembléia Nacional Constituinte.

Em todos esses eventos, em todos esses momentos de inegável significado para a Nação, lá estava o PCdoB firme, marchando em defesa de seus ideais. Nada disso, Sr<sup>as</sup> Senadoras e Srs. Senadores, Srs. convidados, teria sido possível sem a coragem, sem a tenacidade, sem a coerência e sem o inquebrantável espírito público de figuras como Astrogildo Pereira, Hermogênio Silva, Maurício Grabois, Pedro Pomar, Elza Monnerat e o inesquecível João Amazonas, falecido em 2002, cuja vida se confunde com a própria história do PCdoB.

Hoje, o Partido Comunista do Brasil é um instrumento fundamental para a manutenção da democracia, da governabilidade do País e, conseqüentemente, para a sustentação congressual. Mais ainda: para a defesa veemente dos valores fundamentais da representação popular e da democracia.

Os seus quadros brindam a cena nacional com nomes de relevo, como aqui já foi citado, do ex-Presidente da Câmara dos Deputados, esse querido amigo, Deputado Aldo Rebelo, que, com grande firmeza, com muita competência, soube com correção, com espírito público, com sabedoria, comandar a Câmara dos Deputados num momento único, um dos mais difíceis momentos do nosso País.

O Senador Inácio Arruda, eleito pelo povo cearense com quase dois milhões de votos, é o primeiro senador comunista eleito depois de Luiz Carlos Prestes, em 1946, na redemocratização. Em poucos meses de mandato, o Senador Inácio Arruda já demonstrou a sua competência parlamentar e liderança em temas de grande interesse para o País, sobretudo no campo das regiões menos favorecidas.

O partido conta também – é difícil enumerar – com lideranças emergentes em todo o País. A Deputada Manuela D'Ávila, que está chegando ao Parlamento, foi a mulher mais votada para a Câmara dos Deputados. Aliás, é exatamente na Câmara dos Deputados que, proporcionalmente, o PCdoB – já foi dito aqui pela Senadora Serys Slhessarenko – tem a maior bancada; proporcionalmente, a maior representação. E o atual Ministro dos Esportes, cuja permanência se impôs pelo indiscutível trabalho, são claros exemplos dessa diversidade regional.

No momento em que, infelizmente, ainda vivemos a fragilização das estruturas partidárias e em que discutimos a realização de uma profunda reforma política, devemos refletir sobre o exemplo de coerência ideológica que o PCdoB nos lega, Presidente Renato. Talvez seja essa a maior con-

tribuição da sigla para os nossos dias; mas, além dessa contribuição, existe outra de igual significado: ao longo de toda a sua história política, o PCdoB sempre se mostrou preocupado em formar quadros, líderes e militantes da melhor qualidade. Com essa finalidade, mantém o Instituto Maurício Grabois e a Escola Nacional do Partido, além de editar os chamados *Cadernos de Formação*.

É certo que os partidos devem ter mais força do que cada um de seus representantes. Devem representar verdadeiramente os interesses de uma parcela significativa da população e colocar o bem-estar coletivo acima de interesses imediatos de poder. E é esse o exemplo do PCdoB ao longo de sua trajetória política, sobretudo, como disse aqui o Senador Arthur Virgílio, para muitos de nós que temos um pé, a cabeça e o pensamento no PCdoB.

Celebrar os 85 anos de fundação do Partido Comunista do Brasil é, antes de tudo, celebrar a democracia brasileira.

Por isso, nesta oportunidade, saúdo, em nome do Senado Federal, todos os integrantes do PCdoB, na pessoa de seu Presidente Nacional, Renato Rabelo, pelas lutas e pelas conquistas da legenda em prol de todo o povo brasileiro.

Minhas palavras, como disse o Senador Cristovam Buarque, são também de agradecimento.

Parabéns! (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Suspendo a sessão por cinco minutos, para os cumprimentos. Em seguida, reiniciaremos a nossa sessão.

O SR. PRESIDENTE (Mão Santa. PMDB – PI) – Convidamos para usar da palavra o orador inscrito Senador Paulo Paim, representante do PT do Estado do Rio Grande do Sul.

O SR. PAULO PAIM (Bloco/PT – RS) – Sr. Presidente Mão Santa, o dia de hoje, na verdade, foi destinado a que todos nós, do Congresso Nacional, fizéssemos uma justa homenagem aos 85 anos de fundação do Partido Comunista do Brasil, o PCdoB. E eu não poderia ir embora sem vir à tribuna fazer uma homenagem a esses lutadores.

Para fazer esta homenagem, Sr. Presidente, socorri-me do meu conterrâneo Érico Veríssimo, que, em 1940, escreveu a novela *Saga*. A obra foi baseada em um diário de um ex-combatente gaúcho que lutou na Guerra Civil Espanhola, de 1936 a 1939.

Érico também se valeu de sugestões de Jesus Corona, um espanhol morador do Rio Grande do Sul que lhe forneceu informações sobre o campo de concentração chamado Argeles 12.

Já em 1956, o grande Jorge Amado abriu a trilogia *Subterrâneos da Liberdade* com uma evocação a Garcia Lorca (*Buscaba el amanecer y el amanecer no era*).

Essa trilogia do querido baiano narra as aventuras de militantes do Partido Comunista, em especial dos marinheiros do porto de Santos, que se recusavam a transportar café para a Espanha de Franco.

Sr. Presidente Mão Santa, há fatos da História brasileira que o tempo esfumou. São atavismos que estão guardados em sono profundo e que precisam de novas “Sagas” para se libertarem.

Quero dirigir-me ao Senador Inácio Arruda, querido companheiro desde a Câmara dos Deputados, onde encaminhamos inúmeros projetos juntos. Quero dirigir-me ao companheiro Renato Rabelo, Presidente Nacional do PCdoB, que esteve nesta sessão.

A minha homenagem nesta sessão especial é para os dezesseis militantes do Partido Comunista do Brasil que optaram, livremente, pela solidariedade e cruzaram o oceano e foram pelear na Guerra Civil Espanhola em nome da liberdade. Faço homenagem a Alberto Bomílcar – presente; Apolônio de Carvalho – presente; Carlos da Costa Leite – presente; Davi Capistrano da Costa – presente; Delci Silveira – presente; Dinarco Reis – presente; Enéas de Andrade – presente; Hermenegildo de Assis Brasil – presente; Homero de Castro Jobim – presente; Joaquim Silveira dos Santos – presente; José Gai da Cunha – presente; José Correa de Sá – presente; Nelson de Souza Alves – presente; Nemo Canabarro Lucas – presente; Roberto Morena – presente; e Eny Silveira – presente.

Esses homens embebecidos, “enlouquecidos” pela justiça e pela liberdade, para mudar a sociedade e torná-la mais justa, sem dúvida, marcaram toda uma geração de ativistas políticos.

Hoje, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, digo, alto e bom tom, como é bom tomar chimarrão no Rio Grande ou mesmo nas tardes de Brasília e relembrar esses fatos. E se alguém me perguntar: “Mas e quando a água terminar, Senador Paulo Paim, como fica o chimarrão?” Ora, meus companheiros, com a serenidade e a t<sup>em</sup>pera desses dezesseis comunistas a nos acompanhar é muito fácil beber a água dos horizontes, lá nas cochilhas, lá nos rios mais profundos.

Quero dizer também ao Senador Tião Viana, ao Senador Sibá Machado e ao Senador Geraldo Mesquita que há uma cidade, no Acre, que se chama Assis Brasil, homenagem prestada a um gaúcho, o diplomata Joaquim Francisco de Assis Brasil, que assinou, juntamente com Rio Branco, o Tratado de Petrópolis, o qual assegurou ao Brasil a posse do atual Estado do Acre.

Joaquim Francisco de Assis Brasil, Senador Mão Santa, era tio-avô de Hermenegildo de Assis Brasil, um dos 16 bravos que foram lutar na Espanha.

*Aqueles que tiveram a oportunidade e a honra de conhecer Assis Brasil jamais esquecerão aquela figura simples, rude e boa, para quem a vitória do socialismo era o fanal de sua vida heróica.*

*De olhar sereno e calmo, com lampejos de energia e astúcia. Olhar manso, espelhando a simplicidade, a rudeza, a bondade, mas também a firme e exemplar determinação de um consciente militante proletário do jovem Partido Comunista do Brasil.*

Sr. Presidente, esse texto, de autoria de Agildo Barata e publicado na revista *Problemas*, nº 26, em maio de 1950, Rio de Janeiro, resume muito bem o significado de ser um militante comunista.

O SR. PAULO PAIM (Bloco/PT – RS) – Eu gostaria também de prestar minhas homenagens ao primeiro negro, operário e comunista que foi candidato à Presidência da República. Isso ocorreu em 1930, ainda que clandestinamente. Refiro-me ao então Vereador, pelo Rio de Janeiro, Minnerzinho de Oliveira. E não poderia deixar de lembrar do também negro Oswaldo Orlando da Costa, o Oswaldão, um dos comandantes do Araguaia.

Sr. Presidente, encerrando, lembro também que o primeiro metalúrgico a se eleger deputado estadual, no Rio Grande do Sul, é, hoje, o companheiro do PCdoB, meu amigo, Raul Carrion. Lembro também a jovem estudante Manuela Pinto Vieira D'ávila, vereadora, ora eleita deputada federal pelo Rio Grande. Lembro ainda que um dos meus suplentes no Senado é o companheiro do PCdoB, Roberto Macagnam, sendo o outro José da Mota Pinto, do PT.

Ao fazer essas referências, meu amigo, Senador Inácio Arruda – e V. Ex<sup>a</sup> chegou a tempo; eu disse que não ia embora sem prestar essas homenagens –, digo que, para minha eleição ao Senado, o PCdoB – não porque havia o suplente –, foi fundamental. Eu tinha de vir à tribuna homenagear a história desses guerreiros, lutadores, dos quais tenho muita honra de ter caminhado sempre junto, quando era estudante, no movimento sindical e, hoje, no Parlamento.

O Sr. Inácio Arruda (Bloco/PCdoB – CE) – Agradeço-lhe esse generoso e belíssimo pronunciamento. V. Ex<sup>a</sup> é desses que tem raízes, é de origem proletária, popular; participou de movimentos sociais, do movimento sindical, do movimento negro, do movimento de combate a qualquer tipo

de discriminação. V. Ex<sup>a</sup> é essa referência simbólica no Parlamento nacional, tanto na Câmara quanto no Senado, embora sua luta tenha começado anteriormente, nos movimentos sociais.

Por isso, para nós é muito importante o pronunciamento que V. Ex<sup>a</sup> faz neste momento. Quero agradecer, em nome do meu partido, o Partido Comunista do Brasil, essa lembrança histórica que V. Ex<sup>a</sup> traz à luz, nesta noite do dia 28 de março, de 2007, em comemoração aos 85 anos do PCdoB. Obrigado, Senador Paim.

O SR. PAULO PAIM (Bloco/PT – RS) – Eu que lhe agradeço, Senador Inácio Arruda!

Sempre digo que tenho muito orgulho de ter trilhado com V. Ex<sup>a</sup> os escaninhos da Câmara dos Deputados. Apresentamos projetos, inclusive em parceria, como aquele, por exemplo, da redução de jornada sem redução de salário, que, se bem esculpido, bem trabalhado – e sabemos que isso é possível –, poderia gerar, de imediato, de cinco a seis milhões de novos empregos em nosso País.

Mas, hoje, a homenagem é para V. Ex<sup>a</sup>, Senador Inácio Arruda. Falei aqui do Carrion, falei da Manuela e poderia falar de tantos outros, como do Edison; do Freitas, do meu Estado; e de muitos outros lutadores pelas causas sociais.

Viva a história bonita do querido PCdoB! Viva, Senador Inácio Arruda! Muito obrigado.

O SR. VALTER PEREIRA (PMDB – MS) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, não poderia silenciar-me nesta tarde, quando dois acontecimentos de grande relevância tiveram lugar aqui, na Capital Federal, especialmente influenciando todas as avaliações que são feitas na política do Congresso Nacional.

Veja, Sr. Presidente, que, hoje, houve uma sessão solene de homenagem a uma das mais antigas instituições da política brasileira, que se destacou na luta pela democracia do País: o Partido Comunista do Brasil.

É uma homenagem justa a um segmento que enfrentou os mais duros revezes durante as ditaduras – não durante a ditadura, mas as ditaduras – e que resistiu heroicamente, sobrevivendo e ascendendo ao poder, por meio de uma evolução significativa, de uma evolução constante, que culminou com a ocupação da Presidência da Câmara dos Deputados.

Assim, quero me associar a todas as homenagens que foram prestadas ao velho PCdoB, aqui tão bem representado pelo Senador Inácio Arruda, reverenciando essa verdadeira instituição democrática do nosso País, que ainda tem militantes espalhados em todo o território nacional, lutando

ainda contra preconceitos. Vejam V. Ex<sup>as</sup> que, nos lugares mais distantes do Brasil, aquela idéia do comunista que come criancinha frita ou assada ainda viceja. Por incrível que pareça, pelos rincões deste Brasil afora, esse preconceito ainda subsiste. Se não existisse, o PCdoB não estaria lutando para sobreviver como partido político diante da cláusula de barreira, eis que, por merecimento, ele não tinha de estar preocupado com essa cláusula nem com outros obstáculos. Poucos partidos merecem tanto a representatividade expressiva que a sua história lhe faz jus.

Mas, Sr. Presidente, ao mesmo tempo em que prestamos essa homenagem, registramos outro fato de extraordinária importância, o qual reputo, talvez, o mais relevante de todos os acontecimentos na vida partidária do País, qual seja, a interpretação dada pelo Tribunal Superior Eleitoral, segundo a qual a representação parlamentar pertence ao partido político.

Ora, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, para se construir uma democracia, ninguém pode negar que a principal ferramenta está na existência de uma estrutura partidária que seja representativa e que traduza legitimidade. E, para tanto, é preciso que a sociedade abrace um programa, abrace as diretrizes, confie nesta instituição chamada partido político, porque sem a existência de partidos fortes, representativos, a democracia seria mera ficção.

Sou militante de partido como V. Ex<sup>a</sup>. Comecei fazendo política no velho e antigo MDB. E ali, para se conseguir a filiação partidária, participei de um trabalho intenso, semelhante aos trabalhos de arregimentação promovidos pelo combativo e velho PCdoB. Saía com os meus companheiros, com o livro debaixo do braço, batendo palma na porta das casas dos meus amigos para pedir assinaturas. Construimos um partido.

Sr. Presidente, o nosso partido cresceu e credenciou-se porque teve militância. O nosso partido cumpriu sua missão institucional porque teve um exército de militantes.

Fui vereador numa época em que um tostão sequer o parlamentar recebia. Foi assim que ajudei a construir essa grande instituição que é o PMDB.

No entanto, Sr. Presidente, depois da Constituinte de 1988, ao que é que assistimos no cenário político e na organização partidária do País? Assistimos a uma proliferação de partidos que não têm a mínima representatividade; que têm programas que, às vezes, são pirateados, com a maior cara-de-pau, na internet. E, de repente, os compromissos daqueles filiados eram, na verdade, um ingresso, como se fora um ingresso de cinema ou de teatro, para o deleite, o desfrute daquele que o adquiriu.



Com essa decisão do Tribunal Superior Eleitoral, indiscutivelmente, começamos, Sr. Presidente, a acreditar que é possível se construir partidos políticos.

Quero aqui dizer que o PFL merece os nossos cumprimentos: lutou, foi em busca da proteção de sua legenda no Tribunal Superior Eleitoral. O PFL merece aplausos, porque, hoje, está dando uma contribuição, não só para resgatar os mandatos de parlamentares que entraram e saíram do partido, porque o interesse momentâneo assim os orientava; mas parabéns ao PFL, principalmente, porque o precedente agora aberto vai socorrer a todos os partidos organizados e sérios deste País. Trata-se de precedente saudável para o fortalecimento da democracia, para o fortalecimento das instituições políticas do Brasil.

Estou devidamente preocupado, Sr. Presidente. Tenho ouvido sussurros de que partidos que têm tradição, mas que hoje não têm interesse em dar proteção à tese da organização partidária, começam a se articular na outra Casa do Congresso, na Câmara dos Deputados, para tentarem invalidar a decisão do Tribunal Superior Eleitoral.

No entanto, tenho a convicção, Sr. Presidente, de que, se lá na Câmara dos Deputados tomarem uma decisão na direção de vedar o caminho aberto pelo Tribunal Superior Eleitoral, aqui no Senado não prosperará o retrocesso que isso poderá trazer na sua esteira.

Sr. Presidente, ao fazer esses dois registros, quero aqui alertar o Senado de que precisamos nos unir para que essa medida de moralização da organização partidária do nosso País seja preservada em sua integralidade.

Com isso, tenho a certeza de que estaremos dando o primeiro e efetivo passo, passo seguro, para que a reforma política, cantada aos quatro ventos, saia da ficção e se transforme em realidade.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

SENADO FEDERAL  
SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES  
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900  
Brasília – DF  
OS nº 03004/2007



## SENADOR INÁCIO ARRUDA

O Senador Inácio Arruda iniciou sua vida pública ainda na década de 80. Servidor público e eletrotécnico, foi eleito vereador em 1988, deputado estadual em 1990 e deputado federal em 1994, se reelegendo em 1998 e 2002. Em 2006, foi eleito Senador pelo estado do Ceará, com quase dois milhões de votos, sendo o primeiro comunista a ocupar uma cadeira no Senado depois de Luis Carlos Prestes, em 1946. É líder do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) no Senado e membro do Comitê Central do Partido.

Em sua atuação legislativa destaca-se a emenda constitucional, em conjunto com o Senador Paulo Paim, que propõe reduzir a jornada semanal de trabalho de 44 para 40 horas, com meta de criar 3,6 milhões de novos empregos no Brasil. Inácio Arruda também foi autor do substitutivo, na Câmara dos Deputados, que resultou no Estatuto da Cidade.

Inácio Arruda é coordenador da bancada do Ceará no Congresso Nacional e está entre os cem mais influentes parlamentares da Casa, segundo pesquisa anual do DIAP. No Senado, atua como titular da Comissão de Infra-Estrutura, da Comissão de Educação, da Comissão de Assuntos Sociais e da Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa. É suplente na Comissão de Constituição e Justiça, Comissão de Assuntos Econômicos, Comissão de Meio Ambiente, Direitos do Consumidor e Fiscalização e Controle, Comissão de Desenvolvimento Regional e Comissão de Relações Exteriores. Além disso, é vice-presidente da Subcomissão de Combate ao Trabalho Escravo e participa da Comissão Mista do Mercosul e da Comissão Mista Especial sobre Mudanças Climáticas.